

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

WESLEY MARQUES DA SILVA

***BULLYING E CYBERBULLYING: POSSÍVEIS RELAÇÕES COM A ESCOLA E
AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA***

PIRACICABA/SP

2013

***BULLYING E CYBERBULLYING: POSSÍVEIS RELAÇÕES COM A ESCOLA E
AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA***

WESLEY MARQUES DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Faculdade de Ciências da Saúde – Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, na área de concentração Movimento Humano, Cultura e Educação, linha de pesquisa Movimento Humano, Lazer e Educação, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

ORIENTADOR: PROF. DR. NELSON CARVALHO MARCELLINO

PIRACICABA/SP

2013

WESLEY MARQUES DA SILVA

BULLYING E CYBERBULLYING: POSSÍVEIS RELAÇÕES COM A ESCOLA E AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Faculdade de Ciências da Saúde – Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, na área de concentração Movimento Humano, Cultura e Educação, linha de pesquisa Movimento Humano, Lazer e Educação, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino

FACIS/UNIMEP

Prof. Dra. Cinthia Lopes da Silva

FACIS/UNIMEP

Prof. Dr. Pedro Paulo Maneschy

UFABC

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIMEP

Bibliotecária: Luciene Cristina Correa Ferreira CRB 8-/8235

S586c Silva, Wesley Marques da..
Bullying e cyberbullying: possíveis relações com a escola e as aulas de educação Física./ Wesley Marques da Silva. – Piracicaba, SP: [s.n.], 2013.
89 f.; il.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências da Saúde / Programa de Pós-Graduação em Educação Física - Universidade Metodista de Piracicaba. 2013.

Inclui Bibliografia

Orientador: Dr. Nelson Carvalho Marcellino.

1. Bullying. 2. Cyberbullying. 3. Escola. 4. Educação Física. 5. Atividade de Lazer I. Marcellino, Nelson Carvalho. II. Universidade Metodista de Piracicaba. III Título.

CDU 796.4

Dedico este trabalho a todas as pessoas
que, de uma forma direta ou indireta,
foram vítimas de algum tipo de violência
na Escola, ou nas aulas de Educação
Física, seja ela, presencial ou virtual.

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação foi fruto de longas horas de trabalho, onde abdiquei de vários momentos ao lado de familiares, amigos, companheiros, namorada, a fim de realizar um sonho.

Este sonho começou a ser construído por acreditar ser a educação uma ferramenta de conhecimento para vida. Foram momentos de dificuldade até a aprovação no mestrado, mas hoje sei que tudo valeu a pena, e por tudo isso, fica um abraço carinhoso e de grande gratidão a todos que de uma forma, direta e indireta, participaram deste processo.

O conhecimento acadêmico aqui produzido foi alicerçado por momentos de estudo, brincadeiras, desabafos, confissões e conselhos, dos quais, sem duvida alguma, fazem parte pessoas que ficaram marcadas por passar, conquistar e permanecer em minha vida. Agradeço a vocês meus amigos de mestrado, Milena, Márcio, Lucas, Leandro, Ivo, Eduardo, Tati e Thiago, pelos ensinamentos partilhados.

Agradeço também aos meus amigos de infância, Michael, Edivan, Alison, Deivison e José Santana, por estarem sempre presentes nos momentos difíceis, seja nos estudos, ou na vida pessoal. Sem vocês tudo seria mais difícil, pois, a amizade é um bem do qual não se mensura valor. Obrigado por entenderem a minha ausência em momentos de alegria e tristeza.

Agradeço a minha família, madrinhas e colegas pelo carinho e compreensão, especialmente a minha prima Thais, que despendeu seu tempo e conhecimentos acadêmicos por acreditar que meus esforços seriam válidos. Fica um abraço a amiga Denise, que me fez apaixonar, pelos ensinamentos em outra língua de conhecimento, e sempre esteve ao meu lado com palavras de incentivo.

Agradeço a minha namorada, parceira e amiga, por todo o carinho, atenção, confiança, dedicação, paciência e conversas. Muito obrigado, por fazer parte de mim!

Agradeço a minha irmã Mirielly, e a minha mãe Maria Auxiliadora, pessoas que admiro, pela força, caráter, inteligência, e sensibilidade. Se concluo mais uma etapa em minha vida, isso se deve as dificuldades e aprendizagens que sempre passamos juntos,

pois nosso amor sempre foi maior que qualquer obstáculo. E como dizia minha sábia mãe, tudo que se consegue com o próprio suor, é mais prazeroso. Amo vocês, e me orgulho de tê-las como mãe e irmã.

Aos docentes que, até o momento, contribuíram em minha formação acadêmica, o meu muito obrigado. Em especial à Dra. Cinthia Lopes Da Silva e ao Dr. Pedro Paulo Maneschy, que contribuíram significativamente neste trabalho, corrigindo, enriquecendo, e fazendo participações pontuais para sua realização.

Ao meu querido orientador e professor Dr. Nelson Carvalho Marcellino, agradecimentos seriam apenas afagos, visto sua participação não só nesta dissertação, mas principalmente em minha carreira acadêmica. Você foi mais que um mestre, foi amigo, companheiro e dedicado. Obrigado pela paciência, pelos ensinamentos e por acreditar em meu potencial. Serei grato eternamente.

Isso tudo só foi possível graças às mãos de Deus que me guiaram, dando-me força para o trabalho e sabedoria para os estudos.

RESUMO

Esta pesquisa analisa o que consta na produção acadêmica dos últimos dez anos sobre o *bullying* e o *cyberbullying*, suas relações com a escola e com as aulas de Educação Física, e quais ações podem ser tomadas para a diminuição desses atos. Sua metodologia consiste na combinação entre pesquisa bibliográfica, a partir de levantamento feito nos sistemas de bibliotecas da UNIMEP, UNICAMP, e sites acadêmicos da Rede mundial de computadores; e documental, por análise de conteúdo, efetuada a partir de levantamento inicial, realizado no Sistema da Biblioteca digital de teses e dissertações, BDTD, e ficha específica, já utilizada em outras pesquisas. A dissertação organizou-se em três capítulos, no primeiro capítulo há uma revisão da literatura sobre violência, *bullying* e um breve histórico sobre as tecnologias de comunicação e informação, passando pelo surgimento do ambiente virtual, da internet e finalmente, a forma mais atual de *bullying*; o *cyberbullying*. No segundo capítulo foi discutida a relação entre lazer, Escola e Educação Física, com atos de *bullying* e *cyberbullying*. No terceiro capítulo, analisou-se os últimos dez anos da produção acadêmica baseada nas Teses e Dissertações da Biblioteca Digital. Segundo as análises realizadas nesta dissertação, na Escola, o *bullying* geralmente é praticado sobre crianças ou jovens mais inseguros, e ou, que possuem uma maior dificuldade em se defender. Para esses alunos o ir à escola e em particular o recreio, torna-se um drama. Os intervalos são marcados como os locais onde ocorre a maior quantidade de situações de *bullying*. Segundo as pesquisas analisadas, o segundo local de maior incidência de casos são as aulas de Educação Física. Quanto às ações de superação do *bullying* e do *cyberbullying*, as pesquisas parecem salientar modelos prontos a serem seguidos, mas pouco testados em campo. Apenas uma investigação, sobre a inserção de jogos cooperativos no recreio escolar, fazendo deste um espaço interativo, disponibilizou resultados de uma diminuição de casos por ações efetivas. De modo geral as pesquisas salientam sobre a importância do trabalho conjunto escolar, as consequências do *bullying*, os envolvidos, e também, como fatores sociais e familiares podem interferir nessas ocorrências, na tentativa de buscar formas de diminuição desse fenômeno, que se verifica cada vez de modo mais contundente, em nossas Escolas. Para tanto, citam o recreio interativo, a utilização de jogos cooperativos, a criação de regimento interno e projetos políticos pedagógicos voltados ao trabalho da temática *bullying* e *cyberbullying*. Além disso, propõem a intervenção eficaz das gestões escolares, criação de grupos de discussão, abordagem junto à família e a comunidade, participação efetiva de pais junto à vida escolar dos filhos, verificando possíveis mudanças de comportamento e também suas relações no ambiente virtual. Essas atitudes seriam os primeiros passos na busca de paz nas Escolas.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying*, *Cyberbullying*, Escola, Atividades de Lazer, e Educação Física.

ABSTRACT

This research analyzes which appears in the academic literature of the last ten years about bullying and cyberbullying, their relation with the school and with the physical education classes, and the actions that could be taken to reduce these acts. The methodology has combined a bibliographical research, in the UNIMEP and UNICAMP library systems, academic sites and from the worldwide network too; it is a documentary by content analysis, made from first analysis approved by the system of the theses and dissertations digital library, BDTD and a specific page, was previously used in other studies. The dissertation is organized in three chapters, the first chapter is a review of the literature about violence, bullying and a brief history about the communication and information technologies, through the emergence of the virtual environment and the internet and finally the most current form of bullying, cyberbullying. In the second part discussed the relation between leisure and the School and Physical Education with bullying and cyberbullying acts. In the third chapter, it was analyzed the last ten years of academic production based on the Theses and Dissertations of Digital Library. According to the analyses available in this dissertation, the bullying in the school is typically practiced on children or young people more insecure than others and that they have more difficulty defending themselves. For those students to go to school and in specific leisure activities, it becomes a drama. The school classes break time is marked as places where there are the most bullying situations. According to the researches, the second places of higher incidence of cases are the physical education classes. For the activities of overcoming bullying and cyberbullying, the researches show us ready models to be followed but only a very few were tested in action. Only an investigation about the insertion of cooperative games in the school classes break time turn out to be an interactive space, show us a better results from a reduction of bullying cases for effective actions. In general the research es accentuate the importance of working all together, the consequences of school bullying, those involved as well as social and family factors can affect in these occurrences, in an attempt to find ways to decrease this phenomenon, that occurs each time so much more, in our schools. To do so, there are suggestions of the school classes break time interactive, the use of cooperative games, the rules creation and a pedagogic political project that aim the thematic work about bullying and cyber bullying. Besides this, they propose an effective intervention school management, the creation of discussion groups, the contact with the family and the community and the effective parents participation in their children school lives, where they will have checking possible changes of behavior and its relationship to the virtual environment. These attitudes would be the first steps in the search for the peace in our schools.

KEYWORDS: Bullying, Cyberbullying, the School, Leisure Activities, and Physical Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	17
1. <i>Bullying</i> e <i>cyberbullying</i>	17
1.1 Conceito de violência	17
1.2 Conceito de <i>bullying</i>	19
1.3 Os envolvidos no <i>bullying</i>	21
1.4 Causas e consequências do <i>bullying</i>	23
1.5 Ambiente virtual e novas tecnologias de informação e comunicação	27
1.6 <i>Cyberbullying</i> : a violência virtual	30
CAPÍTULO II	34
2. Lazer, Escola e Educação Física: relações com o <i>bullying</i> e o <i>cyberbullying</i>	34
2.1 Lazer e violência: relações com o ambiente virtual	34
2.2 A Escola e suas relações com o <i>bullying</i> e o <i>cyberbullying</i>	39
2.3 A Educação Física e suas relações com o <i>bullying</i> e o <i>cyberbullying</i>	44
CAPÍTULO III	48
3. <i>Cyberbullying</i> : possíveis relações com a Escola e as aulas de Educação Física: análise das dissertações e teses dos últimos dez anos pela BDTD	48
3.1 Análise quantitativa	48
3.2 Universo da pesquisa	53
3.3 Análise qualitativa	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	81
ANEXO – Ficha utilizada para o estudo	87

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Produção acadêmica dos últimos dez anos sobre <i>bullying</i> , <i>cyberbullying</i> , Educação Física, lazer, sociedade contemporânea, Escola, ambiente virtual, violência, agressão e internet _____	49
Figura 2 – Dissertações e teses defendidas no Brasil nos últimos dez anos sobre a relação <i>bullying</i> , Escola e Educação Física _____	50
Figura 3 – Distribuição das pesquisas por região do Brasil _____	51
Figura 4 – Instituição de origem dos pesquisadores de teses e dissertações sobre a relação <i>bullying</i> , Escola e Educação Física _____	51
Figura 5 - Dissertações e teses defendidas no Brasil nos últimos dez anos sobre a relação <i>cyberbullying</i> , Escola e Educação Física _____	52
Figura 6 – Tipos de pesquisas analisadas através da BDTD _____	71
Figura 7 – Amostragem sobre o tipo de combinação de pesquisa _____	71
Figura 8 – Modelo de coleta de dados _____	72
Figura 9 – Análise do modo de investigação utilizado nas pesquisas sobre a relação <i>bullying</i> , <i>cyberbullying</i> , Escola e Educação Física _____	73

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Envolvidos nos atos de *bullying* _____ 22/23

INTRODUÇÃO

O *bullying* é uma área que sempre me despertou interesse. Quando estudante, desde as séries iniciais, presenciei diversos atos, os quais nem sempre eram levados a sério pelas equipes gestoras, pais, professores e comunidade escolar.

No período em que cursei a graduação em Educação Física, desenvolvi uma monografia trabalhando a relação entre *bullying* e Educação Física. Logo ao me formar, comecei a por em prática os conhecimentos adquiridos, e percebi o quanto o ambiente escolar carecia de projetos que trabalhassem a temática.

Ao avançar nos estudos, no processo de especialização, aprofundei o tema e pude perceber que a violência escolar, tomou novos moldes de discussão nos últimos anos. No entanto, se por um lado as pesquisas se tornaram vastas, as obras trazem ações ainda pouco efetivas para programas anti-*bullying* no contexto escolar, seja ele municipal ou estadual.

Com o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, as escolas passaram a sofrer não só com o *bullying* presencial, mas também no ambiente virtual, mas conhecido como *cyberbullying*.

Com esse novo meio de disseminação de violência, as Escolas se veem assombradas. Neste sentido, esta pesquisa buscou verificar o que consta na produção acadêmica dos últimos 10 anos sobre o *bullying* e o *cyberbullying*, suas relações com a escola e com as aulas de Educação Física, e quais ações podem ser tomadas para a diminuição desses atos.

Quanto a sua importância para os estudos do lazer, esta dissertação se justifica, visto ao surgimento de um novo espaço de interações, vivências e encontros, o ambiente virtual, que precisa ser questionado, sendo um dos pontos de questionamento, a posição enganadora de colocá-lo como um novo espaço mais seguro para a prática do lazer. O tempo é outro, e o ambiente virtual é irreversível. Mas, o seu uso como lazer, precisa ser questionado como único, exclusivo e seguro.

Um dos tipos de pesquisa utilizado, para a realização desta pesquisa foi a bibliográfica, baseada nas ideias de Severino (2007), que a define como sendo:

Aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. (p. 122)

A pesquisa bibliográfica objetiva elencar os conhecimentos científicos produzidos por autores, de um determinado tema, onde o pesquisador se baseia em trabalhos, já realizadas por outros autores. Nesse sentido busca-se um maior aprofundamento sobre a situação atual da problemática pesquisada, e uma interação a respeito das investigações já realizadas sobre o assunto.

Para realização deste levantamento, foram realizadas as análises textual, temática e interpretativa. Severino (2007) as definiu como:

- ⊙ Análise textual, que consistiu em buscar informações a respeito do autor do texto e verificar o vocabulário, entre outros itens, com a possibilidade de apresentar uma esquematização do texto, a fim de propiciar uma visão de conjunto da unidade;
- ⊙ Análise temática que procurou ouvir o autor e apreender, sem intervir, fazendo ao texto uma série de perguntas, sendo que as respostas forneceram o conteúdo da mensagem;
- ⊙ Análise interpretativa, objetivando a compreensão das ideias do autor, através de uma leitura analítica, que possibilitou o amadurecimento intelectual.

Trata-se também de uma pesquisa documental, com base na análise de conteúdo, proposta por (GIL, 1987). A qual se baseia em três fases de desenvolvimento; a) Pré-análise: fase de escolha, organização, leitura, formulação de hipóteses e preparação do material para análise. b) Exploração do material: que consiste em administrar as decisões tomadas nas pré-análises. c) O tratamento dos dados: que objetiva tornar os dados válidos e significativos.

Utilizou-se, para a análise das teses e dissertações uma abordagem qualitativa e quantitativa. Minayo (1994, p.22) afirma que estes dois tipos de pesquisa não se opõem, “ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage

dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”. Segundo a autora, a pesquisa qualitativa:

Responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode e não deve ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO 1994, p.21)

As pesquisas analisadas foram selecionadas a partir de consultas a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Inicialmente seria utilizado o banco de teses da CAPES, mas, por problemas técnicos na base de dados, isso não foi possível. Foram definidas como palavras-chave: *bullying*, *cyberbullying*, Educação Física, lazer, sociedade contemporânea, Escola, ambiente virtual, violência, agressão e internet, de produções entre os anos de 2003 a 2012.

Todos os trabalhos em que constavam as palavras-chave foram selecionados, mas, somente os relacionados ao *bullying* e ao *cyberbullying* no contexto escolar e nas aulas de Educação Física, foram utilizados para análise, através de ficha própria (ver anexo), utilizada como fonte de pesquisa do Grupo de Pesquisa em Lazer, em (TEREZANI, D. R.; BAHIA, M.C.; ROSA, M. C.; BARBOSA, F. S.; MARCELLINO, N. C., 2013); (ALVES, C.; SILVA, D. A. M.; SARTO, K.; MARCELLINO, N. C., 2012); (STOPPA, E. A. ; CORREA, E. A. ; MORENO, J. C. A. ; SILVA, L. F.; UVINHA, R. R. ; MARCELLINO, N. C., 2012). O objetivo era investigar se houve um crescimento de abordagem temática nos últimos dez anos sobre as possíveis causas do *bullying* e do *cyberbullying* e suas relações com a Escola e as aulas de Educação Física.

Os programas de mestrado e doutorado, que produziram as dissertações e teses selecionadas, foram somente os de cursos reconhecidos e recomendados pela CAPES (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Foram selecionados 12 trabalhos sobre as relações *bullying*, Escola e Educação Física, sendo analisados 9, pois, suas contribuições estavam dentro da temática da dissertação. Quanto ao *cyberbullying* foram selecionados 2, que foram analisados, visto o pouco material encontrado, e suas contribuições com essa pesquisa.

A dissertação segue organizada em três capítulos. O capítulo 1, apresenta uma revisão de literatura sobre a violência, o fenômeno *bullying*, os envolvidos nos atos de *bullying* (agressor, vítima, vítima/agressor, testemunha), e o que pode ocasioná-lo. Apresenta, ainda, um breve histórico sobre as tecnologias de comunicação e informação, passando pelo surgimento do ambiente virtual e da internet e, finalmente, a forma mais atual de *bullying*, o *cyberbullying*.

A discussão sobre a relação entre lazer, Escola e Educação Física, com atos de *bullying* e *cyberbullying* encontra-se no capítulo 2. Nesse contexto, no primeiro tópico, a partir do exame do conceito de lazer, ele foi relacionado, juntamente com o trabalho, ao processo de urbanização, fazendo surgir uma nova forma de lazer, no ambiente virtual. A seguir foi discutida a Escola como espaço de construção cultural e social, e como possível local de ocorrência de atos de *bullying*, que podem levar ao *cyberbullying*. Analisamos, ainda, a relação da Educação Física, com o *bullying* e o *cyberbullying*.

No terceiro e último capítulo, foi apresentada a análise da produção acadêmica de teses e dissertações, dos últimos dez anos baseada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. A análise foi feita na tentativa de entender se houve um crescimento de abordagem sobre o *bullying* e *cyberbullying*, relacionados à Escola e as aulas de Educação Física. Além disso, buscou-se obras relacionadas à violência, agressão, internet, ambiente virtual, lazer e sociedade contemporânea, verificando os estudos na área, e sua contribuição com a dissertação aqui apresentada.

Nas considerações finais, as ideias apresentadas visam reflexões que contribuam para o desenvolvimento de novas pesquisas, que possam enriquecer a discussão aqui salientada.

CAPÍTULO I

1. *Bullying e cyberbullying*

Este capítulo apresenta uma revisão de literatura sobre a violência, o fenômeno *bullying*, os envolvidos nos atos de *bullying* (agressor, vítima, vítima/agressor, testemunha), e o que pode ocasioná-lo. Apresenta, ainda, um breve histórico sobre as tecnologias de comunicação e informação, passando pelo surgimento do ambiente virtual e da internet e, finalmente, a forma mais atual de *bullying*: o *cyberbullying*.

1.1 Conceito de violência

Falar sobre violência é de fundamental importância para este estudo, devido a sua ligação com os temas que são propostos na obra. Assim esta pesquisa tenta compreender a violência conceitualmente, junto ao objeto de estudo, *bullying* e *cyberbullying*.

Quando se fala em violência, se tem a ideia de agressão física, mas ela se manifesta também de outras maneiras, englobando ofensas morais, verbais, escritas ou faladas (RODHEGUIERO, 2012). Segundo Morais (1985, p.24-25):

Sendo, o ser humano, uma integração entre o físico e o psíquico, fica praticamente impossível ameaçar apenas um destes componentes. Não se pode ameaçar meio homem. Mas ainda parece ser uma forma simples e eficaz de visualizarmos o que seja a violência – para aplicarmos tal visão ao grande centro – a de que: violência está em tudo que é capaz de imprimir sofrimento ou destruição ao corpo do homem, bem como o que pode degradar ou causar transtornos à sua integridade psíquica. Resumindo-se: violentar o homem é arrancá-lo da sua dignidade física e mental.

Nesse sentido, Guimarães e Campos (2006) tratam a violência como um fenômeno, identificando-a como causadora de representações e atitudes, que atribuem significados. Ou seja, cada um a elabora junto as suas ações, dentro de um contexto simbólico, tratando-se de um sistema representacional, onde se lida com situações

sociais complexas, através de códigos, que dão sentido às condutas, possibilitando a compreensão da realidade social.

Já Martinez (2009, p.16) associa a violência ao processo rotineiro do ser:

A violência é “desenvolvida” em relação com as tradições e costumes de cada sociedade. Ela tende a estar presente nos atos mais rotineiros e triviais de um indivíduo e, em muitas ocasiões, faz parte de seu hábito. Isso a torna espontânea e permanente, perturbando, assim, aqueles que por ela são vitimados. Essas vítimas são sistematicamente coagidas e afligidas.

Fante (2005), Abramovay (2006) e Olibone (2008) alertam que a violência é um fenômeno de difícil conceituação, pois depende das interrelações do sujeito com o ambiente social em que ela ocorre. Michaud (1989, p.14) ao salientar a dificuldade de conceituar violência cita que:

É preciso estar pronto para admitir que não há discurso nem saber universal sobre violência: cada sociedade esta às voltas com sua própria violência segundo seus próprios critérios e trata seus próprios problemas com maior ou menor êxito. As grandes questões filosóficas e as grandes respostas se substituíram e se substituem, cada vez mais, pelas ações através das quais as sociedades se administram.

Apesar da dificuldade em se definir a violência, os autores citados acima convergem para a mesma conclusão, a de que os atos violentos podem deixar marcas significantes para a vida de quem os sofre, e que para entender este fenômeno torna-se necessário elucidar sua origem.

Essa origem passa pela inversão de valores, que a cada dia torna-se mais alarmante, através de noticiários que relatam casos de suicídios por causas desconhecidas, chacinas em escolas, agressões físicas, verbais, psicológicas e virtuais. A reprodução da violência pela mídia tem corroborado para criação de uma situação de insegurança constante (FANTE, 2005).

Ao falar sobre a influência da mídia na violência, Tucci (2004), utiliza-se do contexto social midiático, no qual a criança está envolvida, e suas consequências futuras. Segundo o autor, há uma correlação entre a violência testemunhada e a praticada:

Em um estudo realizado pela Universidade de Michigan, comparou-se a violência testemunhada pelas crianças na televisão com a praticada por eles na vida adulta. Verificaram-se os programas assistidos, bem como, a frequência com que eram vistos, entrevistando 557 crianças de seis a dez anos. Quinze anos depois, os pesquisadores voltaram a 329 delas, e concluíram que meninos e meninas que tiveram maior exposição a cenas de violência tornaram-se mais agressivos (TUCCI 2004, p.27).

Ao ressaltar o que pode ocasionar atos violentos, Rodheguiero (2012) e Strasburger (1999) esclarecem que a mídia pode ser responsável pela violência, mas certamente ela não é a única causa desse mal. Outros males como a pobreza, desigualdade social e falhas no sistema penal contribuem para a proliferação da agressividade na sociedade.

Quando se discute a violência urbana, é necessário entendê-la em duas esferas; a) a violência especificamente criminosa, juridicamente passível de punição, tratada como violência “vermelha”; b) a violência, que faz parte de nossas vidas e que não é visada pelos códigos penais, tratada como violência “branca”, (MORAIS, 1985).

Diante da magnitude do tema torna-se impossível abordar em poucas linhas a amplitude da violência. Este estudo se restringirá a estudar a violência através do *bullying*, e no ambiente virtual, designada pelo *cyberbullying*, entendendo-a como uma junção entre a violência branca e vermelha, concebida através dos atos violentos repetitivos, sejam eles físicos ou psicológicos.

1.2 Conceito de *bullying*

O termo *bullying* é utilizado em vários países, entre eles o Brasil, para designar o processo repetitivo de intimidar, amedrontar, falar mal e agredir, causando dor e angústia, propiciados dentro de uma relação desigual de poder entre vítima e agressor (TUCCI, 2004).

Segundo Fante (2010, p.1) o *bullying* pode ser definido como:

Uma forma de violência que ocorre na relação entre pares, sendo sua incidência maior entre os estudantes, no espaço escolar. É caracterizado pela intencionalidade e continuidade das ações agressivas contra a mesma vítima, sem motivos evidentes, resultando danos e sofrimento e dentro de uma relação desigual de poder, o que possibilita a vitimização. É uma forma de violência gratuita em que a vítima é exposta repetidamente a uma série de abusos, por meio de constrangimento, ameaça, intimidação, ridicularização, calúnia, difamação, discriminação, exclusão, dentre outras formas, com o

intuito de humilhar, menosprezar, inferiorizar, dominar. Pode ocorrer em diversos espaços da escola ou fora dela, como também em ambientes virtuais, denominado *bullying* virtual ou *cyberbullying*, onde os recursos da tecnologia de informação e comunicação são utilizados no assédio.

Dan Olweus, estudioso Norueguês, foi o primeiro a tratar o *bullying* como fenômeno; ao investigar jovens com tendências suicidas, concluiu que essas pessoas foram vítimas de algum tipo de violência, e que por isso era preciso estudar o assunto. Para esse autor o *bullying* é:

Um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, adotadas por um ou mais alunos contra outro(s), sem motivação evidente, causando dor, angustia e sofrimento. É caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder. Insultos, intimidações, apelidos cruéis e constrangedores, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuações de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, a ponto de excluí-los do grupo, além de danos físicos, morais e materiais (OLWEUS, 1998, p.24).

Greene (2006), Binsfeld e Lisboa (2010), enfatizam que, contemporaneamente, o tema está sendo tratado por alguns autores, como uma forma de comportamento agressivo e perigoso. Esses comportamentos podem se manifestar de várias maneiras, incluindo atitudes variadas como: agressão física, verbal, maus tratos, humilhações, palavrões, brincadeiras de mau gosto, perseguições, furtos, roubos, depredações, exclusão, entre outros. Rolim (2008, p.15) ao discutir o *bullying* o define em três principais tipos:

- 1- Direto e físico: todas as ameaças e práticas que envolvam a imposição de sofrimento físico como bater, socar, chutar, agarrar, empurrar, etc., ou a submissão do outro pela força à condição humilhante, como em determinados trotes, por exemplo, o furto, o roubo, o vandalismo, a extorsão, e a obtenção forçada de favores sexuais.
- 2- Direto e verbal: as práticas que consistam em insultar e em atribuir apelidos vergonhosos ou humilhantes; a produção de comentários racistas, homo fóbicos ou intolerantes quanto as diferenças econômico-sociais, físicas, culturais, políticas morais, religiosas, entre outras.
- 3- Indireto: manifesto pelas condutas propositais de exclusão ou isolamento do outro, pela fofoca, ou disseminação de boatos e de informações que deponham contra a honra e a boa imagem do outro.

Seixas (2006, p.33) ao falar sobre o fenômeno *bullying*, e suas principais formas, o exemplifica através dos tipos de agressão (física, verbal, relacional, psicológica e sexual), expressões (direta e indireta) e comportamentos (forma de ação). Podemos considerar que a agressão física direta é entendida por Morais (1985), como violência

vermelha. Já a agressão física indireta, é realizada como um ato de incitar o outro a cometer atos agressivos contra outrém, ou causar danos materiais. No caso da agressão verbal direta, o autor relaciona-a com o processo de calúnias e difamações diretas sofridas pela vítima; e de forma indireta ao ato de dizer coisas desagradáveis pelas costas do colega.

O processo relacional direto condiz com o ato de isolar o outro de seu círculo de amizades, e indireta, a manipulação de redes de amizade. Já a violência psicológica direta é marcada pela extorsão, coação, chantagem, entre outros, sendo a indireta evidenciada através do anonimato. Por último, a sexual direta, relacionada com gozações sobre orientação sexual, assédio, insultos quanto à parte do corpo do colega; e de forma indireta, espalhando rumores acerca de atividades sexuais do colega; divulgar comentários ou imagens de caráter sexual.

Devido à forma com que o *bullying* é ocasionado, torna-se necessário entender os personagens envolvidos, e sua classificação dentro do processo de ocorrência. Desenvolveremos esse assunto no próximo item.

1.3 Os envolvidos no *bullying*

Os estudos sobre *bullying* são recentes, mas sua prática sempre esteve presente no contexto escolar, frente, por exemplo, ao processo de afirmação do colega mais forte sobre o mais indefeso e frágil. Basta uma conversa informal para que se ouçam relatos de pessoas que sofreram ou fizeram brincadeiras de mau gosto, gozações, rotulações pejorativas, entre outros. Segundo Amorim (2012), o processo de envolvimento com o fenômeno *bullying* pode ser entendido em quatro categorias (vítima, agressores, vítima/agressor e testemunha).

A primeira categoria seria o alvo ou vítima, que são os alunos que sofrem com os atos de agressão. Normalmente, não os revidam por insegurança, falta de apoio e aceitação pessoal (baixa auto-estima), pouco ou nenhum círculo de amizades, acreditando possivelmente que, por esses entre outros fatores, são merecedores do que lhes é imposto. Os atos violentos que a vítima sofre podem trazer várias consequências. Dentre os problemas gerados pode-se citar o aparecimento de doenças psicossomáticas, baixo desempenho escolar, quadro de depressão e ansiedade, falta de vontade de

frequentar as aulas e troca frequente de colégio e ou o abandono dos estudos, podendo gerar danos irreversíveis na vida adulta, ou até mesmo levar ao suicídio (AMORIM, 2012).

A segunda categoria são os agressores, alunos que praticam o *bullying*, geralmente caracterizados por possuírem maior força física e empatia do grupo.

A terceira categoria seria a das vítimas/agressores, caracterizada por alunos que sofrem ou sofreram com o *bullying*, e que disseminam a violência em alvos mais vulneráveis.

A última categoria seria a das testemunhas; alunos que não praticam e nem sofrem com situações de *bullying*, mas se calam frente às mesmas, possivelmente por medo de se tornarem as próximas vítimas.

Ao analisar o perfil dos agressores, o IBGE em uma pesquisa realizada no ano de 2012, no ensino fundamental, constatou que a uma predominância masculina em casos de atos de *bullying*, segundo os dados coletados: 26,1% dos meninos praticam *bullying*, em comparação com 16% das meninas. Também são eles os que mais sofrem a agressão (7,9%), em relação a elas (6,5%). Amorim (2012, p.25) elaborou um quadro, quanto às características das vítimas e dos agressores:

Vítimas	Agressores
-São prudentes, sensíveis, tranquilos, reservados/introvertidos e tímidos.	-Forte necessidade de dominar e submeter outros estudantes.
-São ansiosos, inseguros, infelizes e com baixa auto-estima.	-São impulsivos e raivosos.
-São depressivos e apresentam maior tendência a ideação suicida do que os seus pares.	-Apresentam pouca empatia com os estudantes vitimizados.
-Normalmente não tem bons amigos e se relacionam melhor com adultos do que com seus pares.	-Costumam ser desafiadores e agressivos com os adultos, incluindo pais e professores.
-Se são meninos, normalmente são mais	-Costumam apresentar outras condutas

frágeis que seus pares.	anti-sociais, como vandalismo, consumo de drogas e delinquência
	-Os meninos costumam ser mais fortes fisicamente do que seus companheiros em geral e das vítimas em particular.

Fonte: AMORIM, C. A. A. **Estudo sobre bullying em dissertações e teses brasileiras no período de 2000 a 2009**. Curitiba, 2012.

Uma vez abordados os envolvidos no ato, foram salientadas, na próxima discussão, as causas que podem levar à ocorrência de *bullying*, e suas consequências.

1.4 Causas e consequências do *bullying*

O *bullying* tornou-se um dos assuntos mais abordados, na atualidade. Basta fazer uso das tecnologias de informação, para se deparar com noticiários de atos de agressões, vandalismos, crimes, brigas, as quais vêm tomando proporções alarmantes. Este choque de realidade¹ e insegurança trouxeram algumas consequências, dentre as quais, pode-se citar a evasão escolar.

Nos Estados Unidos, em pesquisa realizada pela *Virginia High School Safety Study*, onde foram analisados durante quatro anos, 7.082 alunos do ensino médio, quanto ao índice de evasão resultante do *bullying*, constatou-se que a evasão escolar estava 29% acima da média em escolas com elevados níveis de *bullying*, mas 28% abaixo da média em escolas com níveis comparativamente menores.

Já no Brasil em uma pesquisa realizada pelo IBGE (2012), feita a pedido da revista *Pense*, relatou-se a evasão escolar, por falta de segurança de entre os caminhos de ida e vinda da Escola. Segundo a pesquisa, 8,8% dos alunos sentem-se inseguros no caminho de casa para a escola, ou da escola para casa. Observou-se que este percentual foi maior entre os alunos de escolas públicas (9,5%), do que entre aqueles de escolas privadas (5,0%). A proporção de alunos que deixaram de ir à Escola porque nesse ambiente não se sentiam seguros alcançou 8,0%. A frequência foi maior entre os alunos

¹ Choque de realidade é entendido neste contexto, como vivência de uma nova realidade urbanística, onde o ser se depara com problemas, os quais, não são encarados como normais para um bom convívio social. Portanto, cria incômodo, provoca espanto, atíca a denuncia social e aguça o sentimento crítico (AMORA, 2013).

de escolas públicas (9,1%) do que de Escolas privadas (4,4%). Na Região Sudeste, 9,9% dos estudantes faltou às aulas por insegurança no trajeto casa-escola e 8,7%, por insegurança no espaço escolar.

Tucci (2004) aponta que a insegurança no espaço escolar é um processo evolutivo, na situação que se encontra o sistema educacional brasileiro. O descaso governamental, junto a pouca infra-estrutura, faz surgir um espaço nem sempre agradável e propício para o desenvolvimento educacional. O aluno que convive em um ambiente propenso ao abandono, com marcas visíveis de depredações, cadeiras e vidros quebrados, pisos danificados, pichações, paredes rabiscadas entre outros, terá grande chance de reproduzi-lo.

Essa reprodução da violência no ambiente escolar de forma repetitiva, caracterizada como *bullying*, traz algumas consequências tanto para quem a faz, como para quem a sofre. Pereira (2002) elenca algumas consequências do *bullying* para a vítima e para o agressor, chamando atenção quanto ao cuidado que se deve ter, pois estes atos podem trazer consequências catastróficas.

Consequências para a(s) Vítima(s)

- Vidas infelizes, destruídas, sempre sob a sombra do medo;
- Perda de autoconfiança e confiança nos outros, falta de auto-estima e autoconceito negativo e depreciativo;
- Vadiagem;
- Falta de concentração;
- Morte (muitas vezes suicídio ou então sendo vítima de homicídio);
- Dificuldades de ajustamento na adolescência e vida adulta, e problemas nas relações íntimas.

Consequências para o(s) Agressor(s)

- Vidas destruídas;
- Crença na força para solução dos seus problemas;
- Dificuldade em respeitar a lei e os problemas que dela advêm, compreendendo as dificuldades na inserção social;
- Problemas de relacionamento afetivo e social;
- Incapacidade ou dificuldade de autocontrole comportamento anti-sociais, (PEREIRA 2002, p.25).

A autora ainda enfatiza que a principal consequência do *bullying*, na Escola, é o suicídio, podendo este ser resultado da vitimização constante imposta ao sujeito, até ao limite da sua capacidade de suportar as agressões (PEREIRA, 2002). Ao falar sobre o suicídio Morais (2004), o relaciona ao triste depoimento de nós e de nosso mundo. Segundo o autor o pior não é o bilhete muitas vezes deixado como alento, mas o próprio ato de desistência, ou seja, “de certa forma o suicídio nos diz, *não deu mais para entender*” (MORAIS, 2004, p.18).

Segundo Gomes (2011), em pesquisa realizada pela Universidade de Yale dos Estados Unidos, foram analisadas 37 pesquisas mundiais que relacionaram o *bullying* como uma das principais causas do suicídio de crianças e adolescentes, sendo constatado que:

Dentre os alunos entrevistados 19% pensaram em se suicidar; 15% traçaram estratégias para cometer o suicídio; 8,8% executaram os planos suicidas e foram interrompidos por outrem e, 2,6% foi a porcentagem das tentativas sérias o bastante que exigiram intervenções e acompanhamento médicos permanentes. Assim, as consequências do *bullying* vão além dos problemas de rendimento escolar ou relacionamento social do aluno. Além de catastróficas, como nos casos de automutilação das vítimas, elas podem ser fatais (*bullycídio*).

Tucci (2004) ao salientar as consequências do *bullying* em específico no processo de formação do aluno, ainda ressalta como dado importante para essas ocorrências violentas, o papel do professor frente a seu aluno. Segundo o autor, o mau desenvolvimento pedagógico através de atitudes negativas, tais como: discussões de questões alheias, falta de didática, nervosismo, mau humor, autoritarismo, fanatismo por um tema, falta de pulso frente à turma, poderão levar o convívio escolar a fins catastróficos.

Quanto ao surgimento de condutas agressivas dos alunos na escola, muitos pais a justificam, como uma resposta ao fato de seus filhos serem tratados de maneira injusta e discriminatória pelos professores; pelo pouco domínio e disciplina do professor frente a turma, quando seus filhos são vítimas; e pouca compreensão quando seus filhos são agressores (PRINA, 2003).

Snyders (1998) ao falar sobre esse processo de interação, aluno-professor, salienta a importância do professor para o aluno, como exemplo a ser seguido, e sobre

sua significância no processo de construção de relações. Segundo o autor os alunos sonham com relações onde possam ser:

Levados em consideração, serem conhecidos e reconhecidos em sua individualidade, em sua vida pessoal, os alunos sonham com relações nas quais poderiam revelar aos professores seus gostos, seus problemas e mesmo seus defeitos, “desvendar sua personalidade” e que o professor se interesse por isso (SNYDERS, 1988, p.212)

Outro fator de grande relevância quanto aos atos de *bullying*, é a reprodução por parte do agressor de suas vivências no contexto social inserido. Uma criança que convive em um ambiente violento terá grande chance de reproduzi-lo. Quando falamos dessa violência dentro de casa, isso se torna mais alarmante. Pesce (2009, p.2) enfatiza que:

A violência familiar potencializa o desenvolvimento de problemas de comportamento, manifestações cada vez mais presentes na vida de milhares de crianças, encontradas nos ambulatórios de psicologia e de psiquiatria, nas salas de aula das escolas e na literatura especializada internacional. Problemas de comportamento são considerados como comportamentos socialmente inadequados, representando déficits ou excedentes comportamentais que prejudicam a interação da criança com os pares e adultos de sua convivência.

Quanto às alterações de comportamento, através do convívio social, pode-se citar o uso de drogas como fator marcante. O aluno usuário possivelmente apresentará um quadro de agressividade e isolamento visíveis na sua mudança de personalidade. O uso de drogas pode se tornar freqüente, principalmente na adolescência, onde o ser está em um processo de aceitação e formação. Marques e Cruz (2000, p.1) ao abordarem o assunto citam que:

A adolescência é um momento especial na vida do indivíduo. Nessa etapa, o jovem não aceita orientações, pois está testando a possibilidade de ser adulto, de ter poder e controle sobre si mesmo. É um momento de diferenciação em que “naturalmente” afasta-se da família e adere ao seu grupo de iguais. Se esse grupo estiver experimentalmente usando drogas, o pressiona a usar também. Ao entrar em contato com drogas nesse período de maior vulnerabilidade, expõe-se também a muitos riscos.

Binsfeld e Lisboa (2010), afirmam que podem ter vários fatores que levam ao *bullying*:

Econômicos, sociais e culturais, bem como aspectos do temperamento e influências de amigos e familiares constituem riscos para o envolvimento no bullying. As crianças envolvem-se de diversas maneiras neste processo, assumindo diferentes papéis, conforme agem diante da situação, podendo ser vítimas, agressores, vítimas-agressoras ou testemunhas (p.79)

A conscientização para a diminuição do *bullying* passa necessariamente por pais, professores, e todos os envolvidos na educação da criança e do adolescente. Principalmente, nos dias atuais, em que o desenvolvimento também acontece no ambiente virtual, podendo tomar proporções gigantescas, pela rapidez de transmissão das informações. O ambiente virtual, e as novas tecnologias de informação e comunicação, serão abordados a seguir.

1.5 Ambiente virtual e novas tecnologias de informação e comunicação

Por novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), costuma-se identificar os meios de comunicação para disseminação de informações, constituindo um meio intermediário de expressão através dos meios eletrônicos, telemáticos e telefônicos (RODEGUIERO, 2012). Segundo o autor, a atualidade é marcada pelo crescimento na utilização dessas tecnologias:

Com o passar dos anos, as tecnologias da informação tornaram-se objetos de acessibilidade e custo cada vez menores, o que possibilitou que seu uso tivesse um crescimento expressivo em empresas e na sociedade em geral. Em 2006 foram vendidos 675 notebooks no Brasil, enquanto em 2010, quatro anos depois, este número foi elevado para mais de 7 milhões de unidades vendidas. Isso mostra que a acessibilidade e uso das TIC só tende a crescer com o passar do tempo.(RODEGUIERO 2012,p.19-20).

Essa expansão tecnológica proporcionou uma mudança social, profissional e cultural, perceptível pela visão atual de mundo, que o homem interliga ao uso das TIC's, notória na utilização do computador e em específico da internet. Esse novo momento histórico marcado pelas relações no espaço virtual é tratado por Castells (2002) como o fenômeno da “sociedade em rede”, caracterizada pelo processo de relações estabelecidas através da informação e da sua capacidade de processamento e de geração de conhecimentos. A sociedade em rede é analisada por Levy através do codinome “*cibercultura*”. Onde, segundo o autor, na cultura cibernética os seres passam a apresentar uma nova dinâmica de interação, pautada na nova relação espaço-tempo.

Esse ciberespaço surgiu como uma forma de interesse militar e somente atingiu o âmbito social em 1960, sendo um espaço marcado pela congregação de diversos grupos de rede. Entre os principais compreendem-se o computador, as pessoas e as informações, formando uma cultura de vivências, encontros e interações, sem a necessidade da presença física. Segundo Silva e Fraga (2010, p. 3):

A partir do momento que foi disponibilizada para a sociedade, deixa de ser ferramenta destinada apenas para a segurança e passa a ser utilizada para vários fins, de acordo com cada interesse, tornando assim um caminho de interação entre pessoas no mundo virtual

Essa interação sem corpo presente, através da internet, resultou em um isolamento cibernético, fazendo nascerem novos tipos de laços de amizade. Castells (2002, p.470), afirma que: “Com relação à sociabilidade, a avaliação feita é pelo tipo de laços fracos e fortes, sendo que é predominante na rede o desenvolvimento de múltiplos laços fracos”. Eles são resultantes, segundo o autor, pelo baixo custo nas trocas de informações, colocando “estranhos” em igualdade de interação, e assim, o mesmo acesso que acaba com amizades instantâneas, massifica outras.

Este processo de laços no ambiente virtual é criado por meio de comunidades, onde seus membros reúnem-se pelos mesmos interesses, problemas, e ou, amizades; O espaço compartilhado não tem uma referência estável, ou seja, não presente, sendo separado do espaço físico e, portanto, este é uma via régia da virtualização. Rheingold (1995, p.20) define comunidade virtual como:

Agregados sociais que surgem da rede (internet), quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço.

O ciberespaço é um processo irreversível, que se sustenta através da revolução nos sistemas de informação, caracterizando-se por um simulacro constante, onde se atinge grandes distâncias em tempos reduzidos, no processo de disseminação de notícias, em tempos recordes jamais pensados. Recuero (2009, p.135) cita que:

Uma das primeiras mudanças importantes detectadas pela comunicação mediada por computador nas relações sociais é a transformação da noção de localidade geográfica nas relações sociais, embora a internet não tenha sido a primeira responsável por esta transformação.

Ao contextualizar o ciberespaço Lévy (1996) o entende como uma nova forma de interação entre pessoas, que vem modificando o relacionamento social, através do movimento inverso da atualização. Para o autor, o virtual não se opõe ao real, sendo definido como:

A pura e simples ausência de existência, a “realidade” supondo uma efetuação material, uma presença tangível. O real seria da ordem do “tenho”, enquanto o virtual seria da ordem do “terás”, ou da ilusão. A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes (LÉVY, 1996, p.15).

O aspecto principal que deve ser observado, no que diz respeito a esse espaço virtual, é o processo de comunicação, pois é nesse processo de comunicação que a vida em sociedade torna-se possível, “sendo as novas sociabilidades e relações com espaço e tempo que demarcam a vida contemporânea” (SIMÕES, 2009, p.10). Para Castells (2002), o desaparecimento do “lugar” geofigura como forma de sociabilidade não é um fator recente, e não restringe ao aparecimento da internet, pois, entre outros, os meios de transportes e comunicação (cartas escritas), já eram responsáveis pela desterritorialização dos laços sociais.

Auge (1994), ao analisar esses lugares onde os seres não constroem laços fixos, o entende como um não lugar, portanto tratando-se de locais sem identidade própria e marcante, sendo cada um condutor de seus interesses prévios e pertinentes.

Vê-se bem que por “não-lugar” designamos duas realidades complementares, porém, distintas: espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços. Se as duas relações se correspondem de maneira bastante ampla e, em todo caso, oficialmente (os indivíduos viajam, compram, repousam), não se confundem, no entanto, pois os não-lugares medeiam todo um conjunto de relações consigo e com os outros que só dizem respeito indiretamente a seus fins: assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam tensão solitária (AUGE, 1994, p.87).

Quando se analisa o ambiente virtual como um não lugar, é preciso levar-se em conta que a virtualização libera a necessidade do físico (DAOLIO E ROBLE, 2006), mas ao mesmo tempo pode o aproximar; Segundo Levy (1996) a virtualização de

alguma forma também aproxima os seres, pois, através da mesma pode se marcar encontros e construir laços. O autor afirma que “As pessoas que mais telefonam são também as que mais encontram outras pessoas em carne e osso (1996, p.23)”. Segundo Schwartz e Moreira (2007, p.166):

Apesar dos avanços, o ser humano continuará necessitando conversar pessoalmente com gente, tomar um café no bar com alguém de verdade, se reunir com seus familiares e trocar expressões de afeto que perpassam o toque e o olhar direto, já que a simulação pode preencher um espaço temporário de necessidade, porém, não consegue suprir as demandas afetivas naturais do ser humano.

Esse processo de reações corporais, na interação abstrata, sem vivência corporal propriamente dita, pode resultar em experiências concretas, e levar a atos de violência, os quais foram abordados no próximo item, através do *cyberbullying*.

1.6 *Cyberbullying*: a violência virtual

O *cyberbullying* caracteriza-se como um ato crescente de crueldade social, onde o mau uso do ambiente virtual resulta em atos violentos, nas relações interpessoais (FANTE, 2010). Em uma pesquisa realizada pela Safernet-Brasil, ONG voltada para segurança das crianças na internet, foi constatado que 38% das crianças ouvidas tem um amigo que passou por *cyberbullying*, e cerca de 16% das crianças entrevistadas consideram o *cyberbullying* um dos maiores risco do uso da internet. A pesquisa foi realizada em 2010, com 2.160 crianças e adolescentes com idades entre 10 e 17 anos (CARPANEZ, 2010).

Outra pesquisa realizada, nas cinco regiões do Brasil, pela ONG Plan Brasil, revelou que o *cyberbullying* tornou-se a forma de violência mais frequente do *bullying*. Segundo LLovatte (2010, p.1) “Dos 5.168 alunos que participaram da pesquisa, 10% já sofreram ou praticaram *bullying*, enquanto 16,8% foram vítimas e 17,7% praticaram o *cyberbullying*”.

O *cyberbullying* tem se tornado uma prática preocupante e tomando grandes proporções em todo o mundo. Baseada em pesquisas, Fante (2008, p. 50), cita que:

O *cyberbullying* ganha proporções alarmantes em todo o mundo. Estudos revelam que na Inglaterra 25% das meninas são vítimas por meio de celulares. Nos Estados Unidos, um dado surpreendente foi divulgado pela imprensa: 20 % dos alunos são alvos desse tipo de violência. Um estudo sobre o fenômeno divulgado em 2006, pela rede social MSN, indica que 13% dos adolescentes

entrevistados consideraram essa prática pior que o *bullying* físico. Em estudos realizados no Brasil, em específico no Distrito Federal, pelo Centro Multidisciplinar de Estudos e orientação sobre o *bullying* escolar (Cemeobes), com um grupo de 530 alunos do primeiro ano do ensino médio da rede privada de ensino, indicaram, que 20% foram vítimas de ataques on-line. Desses 63% eram do sexo feminino.

Calgaro (2013, p.1), em uma pesquisa realizada pela Ditch The Label, organização não governamental *antibullying* no Reino Unido, onde foram entrevistadas 10 mil pessoas entre 13 e 22 anos, sendo 67% delas moradoras do Reino Unido, 17% dos Estados Unidos, 12% Austrália e 4% de outros países, constatou que:

Cerca de quatro entre dez pessoas sofre *bullying* pela internet com grande frequência. As redes sociais mais usadas pelos perseguidores são o *Facebook* (mais da metade disse sofrer *cyberbullying* pelo site), *YouTube*, *Twitter* e *Ask*. Além disso, os jovens têm duas vezes mais chances de sofrer perseguição pelo *Facebook* do que por outras redes sociais. As vítimas foram perguntadas ainda sobre qual impacto o *cyberbullying* tinha em suas vidas. Em uma escala de um a dez, em que o valor máximo indica "impacto extremamente severo", a nota média dada por elas foi 7,5.

Os dados das pesquisas demonstram que o *cyberbullying* tornou-se um problema² social, e que seu uso, como forma de violência, pode atingir qualquer pessoa, sem diferenciação de nível econômico, cor, raça ou etnia², seja como agressor, vítima ou testemunha. Sua prática entre jovens em grande parte é oriunda das escolas, e massificada pelos meios tecnológicos. Almeida (2008, p. 20), cita que o *cyberbullying* ocorre quando:

Utilizam-se das modernas ferramentas da internet e de outras tecnologias de informação e comunicação, móveis ou fixas, elucidando, em sites de relacionamento ou programas de conversa em tempo real, com o intuito de maltratar, humilhar, constranger ou difamar. Temos claramente exemplos no *MSN (Messenger)*, *Orkut* (site de relacionamentos). É uma forma de ataque perversa que extrapola em muito os muros da escola, ganhando dimensões incalculáveis.

De acordo com Almeida (2008), as vítimas do *cyberbullying* sofrem com humilhações, mesmo buscando outra escola, cidade, ou país, decorrente em sua grande

² Nível econômico, cor, raça, ou etnia, são entendidas nesse caso, em seu sentido mais amplo, como uma forma de diferenciar uma mesma espécie biológica, indeferindo o preconceito, onde a cor da pele e origem social ganham sentidos, valores e significados distintos, no intuito de encontrar explicação para a diversidade humana (MUNANGA, 1999).

maioria, da difusão da rede mundial de computadores, e o uso da internet, torna-o um ato ainda mais cruel do que o *bullying* tradicional.

Santomauro (2010, p.2) cita três razões que tornam o *cyberbullying* uma prática mais perversa que o *bullying*:

- 1- No espaço virtual, os xingamentos e as provocações estão permanentemente atormentando as vítimas. Antes, o constrangimento ficava restrito aos momentos de convívio dentro da escola. Agora é o tempo todo.
- 2- Os jovens utilizam cada vez mais ferramentas de internet e de troca de mensagens via celular e muitas vezes se expõem mais do que devem.
- 3- A tecnologia permite que, em alguns casos, seja muito difícil identificar o(s) agressor(es), o que aumenta a sensação de impotência.

Acrescentam-se as ideias de Santomauro (2010), o fato de o *cyberbullying* ser um fenômeno sem face, onde o anonimato e a impunidade expõem a vítima a atos de crueldade.

Ao abordar a temática, Silva (2010) compara o anonimato virtual, a brincadeira do amigo oculto, onde as pessoas se expressam sem necessidade de identificação. Segundo a autora:

No caso do *cyberbullying*, a natureza vil de seus idealizadores e/ou executores ganha uma “blindagem” poderosa pela garantia de anonimato que eles adquirem. Sem qualquer tipo de constrangimento, os bullies cibernéticos (ou virtuais) se valem de apelidos (nicknames), nomes de outras pessoas conhecidas ou de personagens famosos de filmes, novelas, seriados. Os *bullies* virtuais são, a meu ver, verdadeiros covardes mascarados de valentões, que se escondem nas redes de “esgoto” do universo fantástico dos grandes avanços tecnológicos da humanidade (SILVA, 2010, p.126).

O grande desafio a ser enfrentado quanto à evolução tecnológica, é a utilização ética deste ambiente pela população. A criação de um espaço seguro contra crimes virtuais foi o primeiro passo contra a prática do *cyberbullying*.

Truzzi (2012, p.8), cita algumas atitudes que devem ser tomadas quando se constata essa prática:

- 1- Armazenar sempre as provas eletrônicas (emails, SMS, fotos, recados deixados em redes sociais, publicações feitas em sites), mantendo sua integridade. Vale arquivar as capturas de tela dessas provas (“print-screen”), manter os emails originais e se necessário, dirigir-se até um

- Cartório de Notas a fim de lavrar uma Ata Notarial do conteúdo difamatório;
- 2- Registrar um Boletim de Ocorrência na Delegacia de Polícia mais próxima;
 - 3- Buscar acompanhamento psicológico, se necessário;
 - 4- Procurar um advogado, para verificar a necessidade de medidas extrajudiciais ou judiciais (notificação extrajudicial, representação criminal, instauração de inquérito policial, ação de indenização por danos morais e materiais, etc.);
 - 5- Nunca revidar às agressões. Lembre-se: “não faça justiça com o próprio mouse!”.

Além dessas atitudes é necessário que todos os envolvidos, no processo educacional, estejam atentos quanto às mudanças de atitudes, visualizadas através da baixa auto-estima, dificuldades de socialização, isolamento infundado, estresse, má alimentação entre outros, por parte da vítima (TUCCI, 2004).

No entanto, cabe salientar que o agressor também necessita de aporte, visto que suas atitudes possivelmente são baseadas pela falta de apoio familiar, o que gera uma criança que busca firmar-se frente ao outro pela falta de auto-estima e autoconfiança (FANTE, 2005).

Após a revisão de literatura dos temas-chave do trabalho aqui apresentado, no próximo capítulo estudaremos o lazer, a escola e em específico as aulas de educação física, como local de ocorrência do *bullying*; e suas relações com o *cyberbullying*.

CAPÍTULO II

2. Lazer, Escola e Educação Física: relações com o *bullying* e o *cyberbullying*

Este capítulo abordará a relação entre lazer, Escola e Educação Física, com atos de *bullying* e *cyberbullying*. Nesse contexto, no primeiro tópico, a partir do exame do conceito de lazer, ele foi relacionado, juntamente com o trabalho, ao processo de urbanização, fazendo surgir uma nova forma de lazer, no ambiente virtual. A seguir foi discutida a escola como espaço de construção cultural e social, e como possível local de ocorrência de atos de *bullying*, que podem levar ao *cyberbullying*. Analisaremos, ainda, a relação da Educação Física, com o *bullying* e *cyberbullying*.

2.1 Lazer e violência: relações com o ambiente virtual

Para trabalhar o tema lazer é preciso situá-lo historicamente, por meio das discussões de autores, desde o surgimento dos estudos na área, até a atualidade.

O lazer teve suas primeiras investigações no cenário internacional, sistematizadas na metade do século XIX, sendo entendido na época como tempo disponível. Em 1930, já com a influência de novos estudos o lazer passou a ser concebido como momento de distração e ocupação, no qual o indivíduo poderia se entregar de espontânea vontade, durante o tempo não ocupado pelo trabalho. A relação lazer x trabalho foi motivo de debate em torno de mecanismos que buscavam a redução da jornada de trabalho, o que gerava preocupação por parte dos empresários e políticos, quanto ao uso desse tempo disponível por parte dos trabalhadores (GOMES E MELO, 2003).

Essa relação lazer x trabalho foi marcada por um forte período de ócio vicário e conspícuo, sendo o lazer deleite e forma de status apenas para pessoas com poderio financeiro (VEBLEN, 1965). O surgimento da classe ociosa é ressaltado por Veblen (1965), como um marco na evolução cultural, pois a partir desse momento a riqueza tornou-se honrosa ao possuidor, principalmente a adquirida por herança e não como fruto de trabalho. Assim a não necessidade do trabalho passou a ser uma forma de demonstrar poder e decência.

Com o crescimento do padrão de riqueza da classe ociosa, graças ao processo de industrialização e o surgimento da máquina, o lazer passou a ser uma forma de demonstrar honra e poder, e o trabalho forma de sobrevivência. Ao relacionar processo de industrialização, máquina e trabalho Lafargue (1970, p. 34) salienta que:

À medida que a máquina se aperfeiçoou e despachou o trabalho do homem com uma rapidez e uma precisão incessantemente crescente, o operário, em vez de prolongar o seu repouso proporcionalmente, redobra de ardor, como se quisesse rivalizar com a máquina. Ó ocorrência absurda e mortal!

O trabalho passou a ser o principal ato para a afirmação humana, dentro de uma sociedade, onde se reprimia desejos e sonhos, para construção de um convívio com leis e regras morais superiores. Com as transformações ocorridas dentro do processo servil e a nova busca de distribuição de tarefas e fragmentação de espaços, as transformações sociais passaram a afetar não só a relação lazer *versus* trabalho, mas outros segmentos tais como a religião, a família, a educação e as relações interpessoais.

Friedman (1972), ao analisar essas relações, no processo social, salienta o homem como um ser uno, que projeta suas preocupações, frustrações e temores, reciprocamente no trabalho ou nas relações familiares, religiosas ou sociais; “ele é um único e mesmo homem (p.156)”.

A nova dinâmica de trabalho, junto ao processo de incorporação de normas e urbanização, trouxe a tona o princípio da competitividade proporcionada pela modernidade.

Harvey (1993) compara o processo de modernização ao processo de retenção de tempo. Segundo o autor, as inovações fizeram vinte quatro horas ser um tempo bem longo, no mercado global. Nessa forma de produtividade, o lazer passou a ser visto como compensatório, uma forma de procurar alívio da repressão social e um espaço onde se pode buscar excitação, através do “tempo livre”, sendo permitidas sensações, que no mundo das obrigações não são aceitas (ALMEIDA E GUTIERREZ, 2012).

No Brasil, desde o século XIX, as preocupações com o lazer da população já estavam presentes no discurso de engenheiros e sanitaristas (GOMES e MELO, 2003). Dumazedier, sociólogo francês, teve forte influência sobre os estudos do lazer no Brasil, entendendo-o na época como um espaço a ser preenchido com atividades. Segundo o autor, lazer é:

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER,1976, p.34).

Apesar das grandes contribuições de Dumazedier para os estudos do lazer no Brasil, seu conceito precisa ser repensado para as pesquisas relacionadas à sociedade contemporânea, tendo como grande marco a passagem do trato do lazer como atividade, para, cultura em seu sentido mais amplo, além de situar-se historicamente, no tempo e espaço. Assim, esta pesquisa foi baseada no conceito de lazer proposto por Marcellino (1987). O autor define lazer como:

Cultura compreendida no seu sentido mais amplo, vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação (MARCELLINO, 1987, p.31).

Partindo das ideias de Marcellino, o lazer deve ser tratado como um direito e um bem social, devendo ser analisado dentro de um aspecto duplo educativo (MARCELLINO, 1987), ou seja, educar para e pelo lazer, requer quebra de paradigmas, abrindo horizontes e possibilidades de vivências, lutando contra o domínio de diferentes segmentos sociais, principalmente dos meios de comunicação (MOURA, 2002). Para que haja a quebra desse domínio, requer-se luta diária, por esse direito, que não é assegurado, com qualidade, para a maioria da população.

A compreensão de lazer, deve passar pelo seu processo de redimensionamento, onde se possa ampliar “os fios de tecido na rede humana de significados, símbolos e significações” (GOMES, 2008, p.4). A autora considera o lazer, como um tempo privilegiado, onde ocorre “Vivência de inúmeras manifestações da cultura, tais como o jogo, a brincadeira, a festa, o passeio, a viagem, o esporte e também as formas de artes (pintura, escultura, literatura, dança, teatro, música, cinema), entre várias outras possibilidades (GOMES, 2008, p.5)”.

Na tentativa de compreensão do lazer, e suas relações com as esferas sociais, no Brasil atualmente o lazer é processo de estudo de vários grupos de pesquisa.

Segundo (GOMES e MELO) até o ano de 2003 encontravam-se cadastrados no CNPq 51 grupos de pesquisa, envolvendo 305 pesquisadores dos mais diferentes níveis (desde acadêmicos até doutores), sendo que:

Entre eles 37 estão organizados em instituições públicas e os 14 restantes em instituições privadas. Se analisarmos sua distribuição pelas regiões brasileiras, veremos que a concentração é maior nas regiões Sudeste e Sul: 78% do total (54% na primeira e 24% na segunda). Os outros grupos estão distribuídos na ordem de 18% no Nordeste, 2% na região Centro-Oeste e 2% na Norte (GOMES E MELO, 2003, p.32).

O debate no campo do lazer vem crescendo consideravelmente nos últimos anos, sendo que, esta pesquisa foi pautada na discussão do lazer através do ambiente virtual, e suas relações com a Escola e as aulas de Educação Física, e o surgimento do *bullying* e do *cyberbullying*.

Nesse sentido, torna-se necessário entender a nova forma de vivência do lazer, antes realizado em espaços como praças, clubes e parques, o lazer passou a ser vivenciado também no ambiente virtual (Silva e Fraga, 2010).

Schwartz (2003) entende o espaço virtual como novo conteúdo do lazer, que pode ser utilizado para o acesso ao lazer, sendo propício as mudanças no comportamento e nas atitudes.

Porém, este trabalho se norteia na visão do ambiente virtual, como um espaço, onde os sujeitos podem ter acesso aos demais conteúdos do lazer, seja ele, físico, prático, artístico, intelectual, social ou turístico.

A utilização do ambiente virtual como novo espaço de lazer é irreversível, mas o seu uso, como lazer, não precisa ser único e exclusivo. A posição de colocar o ambiente virtual como um espaço mais seguro para a prática de lazer necessita ser questionada, pois este ambiente pode ser o responsável pelo início da violência, nas mais variadas formas.

Perrotti (1982) analisando a substituição da cultura das crianças (como processo e produto criados por elas, e que necessita de espaço), pelos produtos da indústria cultural dirigidos a elas, como forma de compensação e lucro, afirma que:

Aquilo que lhe era vital foi sendo, pouco a pouco, tomado: o quintal, a rua, o jardim, a praça, a várzea, o espaço-livre. E essa tomada do real tenta-se compensar com o simbólico. É nesse sentido, pois, que ao roubo do espaço, ao bloqueio do lúdico, oferece-se à criança, como substituição, a

possibilidade de ela viver através de produtos culturais aquilo que lhe é negado no real. Isso significa que não se pode roubar das crianças o espaço, oferecendo-lhes em troca produção cultural feita por terceiros, tal perda não é substituível por nenhum tipo de produção cultural, por melhor que esta seja (PERROTTI, 1982, p.25).

Atualmente, essa produção cultural feita por terceiros, se pode ser assim chamada, é visível pela utilização do ambiente virtual por meio de jogos eletrônicos. Essa nova forma de lazer, no espaço virtual, talvez seja um dos melhores exemplos quanto à falta de tempo dos pais, para propiciar um lazer de corpo presente aos seus filhos, pela impossibilidade de tempo/espaço real, ocasionada pelo trabalho. Há que se ressaltar que além da sua indisponibilidade, os pais utilizam-se do aumento da insegurança para justificar a utilização do ambiente virtual como lazer.

Silva e Fraga (2010) e Recuero (2009), ao falarem sobre os lugares destinados ao lazer, tratam os espaços virtuais como locais que passaram a apresentar riscos para a segurança da sociedade. Tal fato gera consequências como o afastamento das pessoas tanto do próprio espaço real, quanto umas das outras, criando assim, um declínio na utilização destes espaços reais, como locais de lazer.

Isso contribui para a busca de alternativas como formas de proteção para o lazer, sendo uma delas, o processo de permanecer no ambiente doméstico fechado, o que faz crescer o uso da indústria de jogos virtuais e utilização de tecnologias de informação (SCHWARTZ E MOREIRA, 2007).

Ao mesmo tempo, torna-se necessária a orientação quanto ao uso dessas tecnologias, nos momentos de lazer, pois essas vivências através de jogos, desenhos ou conteúdos violentos, poderá se transformar em uma forma de reprodução por toda a vida (TUCCI 2004).

Essa relação entre lazer e violência é contextualizada por Dumazedier (1975), através dos valores destrutivos do lazer. Segundo o autor, os atos de violência ocorrem no lazer quando: “o tempo de lazer está sendo ocupado pela delinquência social, quando a revolta do corpo, a expressão do corpo é ocupada no uso da violência, ou seja, a ciência de destruição da sociedade por si mesma (p. 38)”.

Outra forma de lazer bem disseminada, onde podem ocorrer casos de violência, é o uso dos sites de relacionamento virtuais. As características dessas redes de comunicação baseiam-se “na relação entre a quantidade de informação, tempo e espaço, em que o indivíduo cria, gerencia e distribui mensagens globalmente (ORIGUELA E

SILVA, 2010)”. O uso indevido desse ambiente poderá ocasionar o aparecimento do *cyberbullying*, resultante de um processo onde se disponibiliza a tecnologia, e não se prepara o público para seu uso.

O lazer pode se tornar violento, quando é vivenciado num processo de busca da excitação, como forma de alívio a repressão social (ALMEIDA E GUTIERREZ, 2005). E isso, para nós, independe da natureza do espaço onde ocorre, seja ele real ou virtual.

Elias e Dunning (1992) exemplificam essa busca de excitação utilizando como referência os jogos de futebol, onde algumas torcidas organizadas vão ao estádio sem o intuito de vivenciar o jogo, mas sim à procura de batalhas com torcidas rivais e com a polícia. Salienta ainda que na excitação que ocorre dentro dos estádios são permitidas explosões fortes e apaixonadas, que seriam reprimidas pelo controle social em outros espaços. Sobre esse processo de excitação nos campos de futebol, acrescenta o fato de brigas marcadas no ambiente virtual, como se houvesse prazer em disponibilizar o tempo de lazer com a violência.

Finalizando esta abordagem, entende-se através das discussões aqui efetuadas, que o lazer no ambiente virtual se tornou uma nova condição de vida, assim visto, entre outros motivos, pelo aumento da violência nos antigos espaços de lazer e pela falta de tempo proporcionada pelo modo de produção. Este espaço precisa ser questionado quanto a sua segurança e quanto ao seu uso como lazer.

A seguir discutiremos a escola como espaço de construção cultural e social, e como local onde se ocorrem atos de *bullying*, que podem levar ao *cyberbullying*.

2.2 A Escola e suas relações com o *bullying* e o *cyberbullying*

A educação é ao mesmo tempo produção e reprodução, inculcação e resistência, continuidade e descontinuidade, repetição e ruptura, manutenção e renovação, e é nessa tensão entre dois pólos onde se dá o processo de funcionamento da educação, ou seja, a escola não serve historicamente apenas como instrumento de corpos pré-estabelecidos, mas também para construção e legitimação de grupos sociais antes relegados (SILVA, 1992).

Snyders (1988, p.202) caracteriza a Escola como:

Uma organização sistemática e contínua das situações: primeiramente, há “pré-requisitos”, isto é uma preparação, um grau de preparação considerado indispensável ao que se faz; e portanto uma certa homogeneidade de formação, de conhecimentos, da idade esperada, reclamada dos participantes. Em contrapartida, o sistemático esforça-se para adaptar o que propõe a seu público. Em seguida, procede-se em ordem: há etapas, não se deve queimar as etapas, menos ainda ignorar sua existência. Uma sucessão corrente, do graduado; passo a passo; há um programa progressivo, uma “progressão”, como se dizia na linguagem dos antigos professores. Cada novo momento integra-se ao que precede, consolida o que precede e serve de garantia para ir mais além, cada degrau é ponto de apoio para atingir o degrau seguinte.

Já Pires (2012, p. 64-65) analisa a Escola em seu contexto social. Segundo a autora:

A escola é, depois da família, o segundo cimento social com o qual o aluno deverá edificar seu mundo: cultural, afetivo, cognitivo, social, físico, psicológico, político, espiritual, ecológico, interno, externo – democrático, enfim. Os alunos encontram-se na escola para trocar ideias, para fazer amigos, para aprender a viver em sociedade, para adquirir conhecimento. Para enfim, conviver, na tentativa de um crescimento pessoal que lhes assegurará um futuro melhor e mais enriquecedor, contando com uma educação que leve a cidadania a sério.

A escola e as pessoas nela envolvidas, especialmente os professores, estão enfrentando uma séria crise. Nela, onde se tenta transmitir conhecimentos, produzindo uma humanidade de melhor convívio social, depara-se com o choque de realidade nos padrões morais e familiares. Com isso a Escola não está conseguindo atuar na produção e disseminação de conhecimento e acaba virando um “depósito de jovens”, lugar onde seus alunos ocupam o tempo, enquanto seus pais cumprem afazeres, perdendo o sentido dela própria (TUCCI, 2004).

Nesse sentido, o sistema educacional brasileiro afunda-se cada vez mais em um descrédito, dentro de um país que ainda não entende que sua base deveria ser construída por meio de uma boa educação. A mediocridade da criação de um processo de “avanço” escolar, junto aos baixos salários de professores, a falta de estrutura, a ausência de liderança e, principalmente, a impunidade são problemas a serem enfrentados no contexto escolar.

Além de todos os problemas já citados, é preciso se atentar quanto ao convívio social dentro do âmbito escolar, pois, é nesse espaço que os alunos frequentam a mesma sala, sem poder escolher sequer os professores e os colegas, que farão parte de sua convivência (SNYDERS, 1998).

Segundo Souza e Rubinho (2011, p.3-4), em pesquisas realizadas pela ONG Plan, em parceria com a FIA (2002), nas cinco regiões brasileiras, constatam-se que “43,6% dos alunos às vezes se sentem angustiados na escola, 38,8% às vezes se sentem sozinhos e 36,3% às vezes se sentem com medo. 10,10% nunca se sentem seguros e 12,7% nunca se sentem acolhidos”.

Pires (2012, p.10) entende a Escola como uma instituição multicultural, marcada pela convivência, com diferenciações e demarcações. Rodrigues (2013, p.20) entende o multiculturalismo escolar, como:

Um conjunto de estratégias baseadas em programas curriculares que expressem a diversidade de culturas e estilos de vida tendo em vista promover a mudança de atitudes que facilitem a compreensão e a tolerância entre a diversidade étnica e cultural e que proporcione, ao fim, uma aprendizagem intercultural.

No processo multicultural escolar, é que nos deparamos com o ir e vir de tipos físicos e comportamentais diferentes, gerando conflitos e colocando em xeque a convivência (PIRES, 2012).

Ao analisar essas provocações sofridas por crianças e jovens, no contexto escolar, Pereira (2002) o relaciona com as intimidações psicológicas, isolamento social entre pares, e o mau trato pessoal, salientando o drama das vítimas de atos violentos em ir à Escola, e principalmente em frequentar o recreio escolar, momento onde deixa de existir o controle do professor. Segundo a autora o *bullying* na escola pode ser caracterizado como:

Situações em que um ou vários alunos decidem agredir injustamente outro colega e o submetem, por períodos prolongados, a uma ou várias formas de agressão: a agressão corporal, o extorquir dinheiro ou a ameaça. É praticado sobre crianças ou jovens mais inseguros, mais fáceis de amedrontar e/ou que tem dificuldade em se defenderem ou pedir ajuda. Para estes alunos, o ir à escola, em particular os recreios, é um drama. No recreio, deixa de existir o controle do professor, ficando mais expostos às investidas dos agressores (PEREIRA 2002, p.15).

Já Snyders (1998) analisa essas provocações como relações que destroem a alegria no contexto escolar. Segundo o autor, os alunos passam por situações de humilhações muito mais frequentes do que se pensa, e este assunto nem sempre toma a devida abordagem no contexto escolar, principalmente pelos professores.

Pereira (2002, p.232) em pesquisa realizada com alunos, em seis escolas de segundo ciclo, quanto à atitude do professor frente ao *bullying*, chegou aos seguintes

dados: “28% dos casos os professores quase nunca impediram, em 40% impediram às vezes e, em 32% impediram muitas vezes”.

Charlot (2002) trata a violência na Escola a partir de três “categorias”: (a) é a violência que ocorre no contexto escolar, mas não é oriunda das atividades escolares; (b) é a violência provocada por alunos através de situações relacionadas a atos de *bullying*, principalmente relacionadas ao professor; (c) é a violência que a Escola promove junto a seus alunos. Já Oliveira (2002) ao analisar a violência na Escola, ressalta que ela pode ocorrer, entre outros motivos, pela “imitação de comportamentos adultos, vida familiar difícil, ausência parental e exigência de maior responsabilidade na escola (p.39)”. Segundo a autora, as regras de desempenho e resultados exigidos da criança não preparada, poderão levá-la à revolta, desencadeando atitudes de negação e agressividade frente à Escola.

Fante (2010, p. 3) ao analisar o papel da escola como um todo, frente ao *bullying*, cita algumas ações a serem tomadas, para reduzir o problema e incentivar a cultura de paz:

Dentre as ações, podemos citar: capacitação de docentes e equipe pedagógica para o diagnóstico, intervenção e encaminhamento de casos; formação de equipe multiprofissional para estudos e atendimentos de casos; envolvimento da comunidade escolar; pais, docentes, discentes, equipe pedagógica nas discussões e desenvolvimento de ações preventivas; estabelecimento de regras claras sobre o *bullying* no Regimento Interno Escolar; orientação às vítimas e seus familiares; encaminhamento de vítimas e agressores e seus familiares aos serviços de assistência médica, psicológica, social e jurídica; orientação aos agressores e seus familiares sobre as consequências dos atos praticados e aplicação de medidas educativas capazes de mudanças comportamentais significativas; parceria com a família dos envolvidos na resolução dos casos; implantação de sistema de registro de casos e procedimentos adotados, desenvolvimento de atividades que promovam a cidadania e a cultura de paz, dentre outra.

Por outro lado, Rocha (2013) cita atitudes que devem ser tomadas quando o *cyberbullying* se torna presente, no contexto escolar. Segundo a autora, os alunos que forem vítimas ou presenciarem algum caso de *cyberbullying* devem:

Comunicar aos setores que cuidam da integridade do aluno: Multidisciplinar, diretoria de ensino, diretoria geral ou a um professor. Salvar as páginas em que aparecem as ofensas em algum dispositivo e imprimir esse conteúdo. Com as provas em mãos, vá até à delegacia de polícia civil mais próxima. Para solicitar a remoção das ofensas, envie uma carta registrada ao prestador do serviço que hospede ao conteúdo na *internet* (Rocha, 2013, p.1).

Ao proporem solução para o combate a atos violentos Francisco e Libório (2009), salientam a importância de levar em conta que o aluno está em desenvolvimento, e que, constrói recursos para lidar com esses atos. Além disso, segundo os autores, em alguns casos os alunos se vêem perdidos em buscar soluções, visto o pouco auxílio recebido por parte da escola. Estas dificuldades estariam ligadas à:

Falta de informações e recursos para os profissionais da educação lidar com as distintas formas de violência. Daí a importância de trazer as discussões sobre tal assunto para o meio acadêmico, escolar e demais segmentos sociais, afim de que avanços e respostas possam ser oferecidos a toda sociedade (FRANCISCO E LIBÓRIO, 2009, p. 206).

A diminuição da tensão dos ambientes violentos dentro da Escola, passa pelo envolvimento da comunidade escolar (professores, direção e pais), na tentativa de estabelecer entre outros, discussões e principalmente regras claras de conduta, onde esteja claro o que pode e o que não se pode fazer na escola, sendo respeitadas dentro de um processo estável, e que não mude por motivos de conveniência de interesses. Este seria um grande passo para o bom funcionamento da escola e para o apoio do aluno na busca de ajuda.

Nesse sentido, a abordagem, até aqui efetuada, teve o intuito de levantar algumas características do *bullying* e do *cyberbullying* na escola, na tentativa de entender as causas que levam os alunos a estes atos de violência nesse espaço. Chegou-se a conclusão que o ambiente escolar se vê assombrado pela insegurança, e que os jovens, em alguns casos, se sentem inseguros ou pouco acolhidos nesse ambiente. Além disso, o currículo escolar expresso no código dominante (SILVA, 1992), através de baixos salários dos professores, e falta de postura ou liderança desses, têm ocasionado um ápice na relação escola *versus bullying* e *cyberbullying*. Por sua vez, o processo de convivência multicultural, nas Escolas e principalmente nos espaços virtuais, onde a violência se torna cada vez mais preocupante e difícil de identificar, torna o cenário ainda mais preocupante.

No próximo item abordaremos as relações da Educação Física com o *bullying* e o *cyberbullying*.

2.3 A Educação Física e suas relações com o *bullying* e o *cyberbullying*

Falar em violência dentro das aulas de Educação Física é uma tarefa árdua, pois, sua história se contextualiza através de atos de exclusão com meninas, pessoas com deficiência e indivíduos menos habilidosos (TUCCI, 2004).

A alienação quanto às questões da diversidade humana, por parte de alguns profissionais da área na Educação Física, tende a produzir atividades voltadas apenas a pessoas inseridas na norma populacional, ou seja, produção de corpos hábeis as práticas esportivas de rendimento, margeando os que não possuem determinadas aptidões físicas, portanto, ignorando a diversidade da espécie humana, voltando ao processo de exclusão vivenciado na introdução da Educação Física, no Brasil.

Ao abordar o processo de inclusão nas aulas de Educação Física, junto a sua consolidação como disciplina, Tolocka (2006), salienta que a isenção da Educação Física a alunos com prole, do curso noturno, jornada de trabalho de 6 h diárias, prestação de serviço militar, e laudo médico, através da lei 69.450/71 (Eefusp 1984), foi um marco negativo, pois, haveria, a partir daí, uma perda quanto às possibilidades de criação e reflexão através das práticas motoras, dado aceito sem muita resistência tanto por professores como pela comunidade. Ainda, segundo a autora, como se não bastasse essa exclusão velada, a alienação dos professores antes citada, trouxe resultados catastróficos ao bom andamento da disciplina. Nesse contexto as aulas são tratadas pela autora como um momento onde:

Privilegia-se alguns poucos esportes, procurando melhores performances e dissimuladamente, aos poucos elimina muitos alunos que, sem direito à dispensa, podem ficar no “banco”, assistindo às aulas, cansados que ficam de tentar atingir o padrão exigido, sem obter êxito. (TOLOCKA, 2006, p.173).

Ao analisar o papel da Educação Física, Betti (1997) relaciona a aquisição da cultural corporal de movimento junto ao processo de formação, criação e recriação do ser. Segundo o autor:

Neste novo contexto histórico, a concepção de Educação Física deve ser repensada, com a correspondente transformação em sua prática pedagógica. A Educação Física deve assumir a responsabilidade de formar o cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal - o esporte espetáculo dos meios de comunicação, as atividades de academia, as práticas alternativas, etc (BETTI, 1997, p.12).

O autor ainda ressalta, como principal tarefa da Educação Física, o processo de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, salientando que ele deve ser capaz de produzir, reproduzir e transformar a cultura recebida, em busca de uma melhor qualidade de vida (BETTI, 1997).

Assim, o que hoje conhecemos como Educação Física, passou necessariamente pela reflexão sobre o seu processo de constituição, como componente curricular na história da escola moderna. Nestes tempos contemporâneos, onde crescem cada vez mais as ameaças à liberdade do ser, o papel da Educação Física deverá estar vinculado a práticas pedagógicas que eduquem ao respeito, e às diferenças.

Mas, nem sempre é isso que ocorre. Faria Junior e Faria (1999) ressaltam que a Educação Física está se tornando um espaço de disseminação da violência. Segundo os autores: “A Educação Física é uma disciplina que não tem sido poupada pelas manifestações de violência, e as brigas geralmente começam por motivos banais, como uma discussão por causa de uma rixa desportiva (FARIA JUNIOR E FARIA, 1999, p.376)”.

Outra consequência causadora da violência sofrida nas aulas de Educação Física, é a busca de corpos perfeitos, provenientes em muito da relação entre a disciplina e a busca exacerbada pelo status dito como saudável, principalmente por conteúdos midiáticos. Abordando a prática da Educação Física, Origuela e Silva (2010) relacionam o processo de violência sofrido nas aulas, a idealização de corpos perfeitos e também a busca de rendimento.

Segundo Betti (2005) a idealização de corpos perfeitos atinge cada vez mais o contexto escolar, e as aulas de Educação Física. Esse espaço, que deveria fazer parte de um processo pedagógico inclusivo, passou a tomar formas de rendimento, através de movimentos repetitivos, jogos escolares, busca por técnicas aguçadas e corpos aptos ao esporte. O autor cita que esta forma de esporte, leva em consideração o lucro, utilizando-se principalmente da imagem como ponto de apoio, dentro da cultura de um país de baixo nível educacional e massa de analfabetos e semi-analfabetos, expostos a essa cultura de imagem ante a cultura letrada. Nas palavras do autor, o esporte:

Dá ênfase a falação esportiva, informa e atualiza: quem ganhou, quem foi contratado ou vendido (e por quanto), quem se contundiu, e até sobre aspectos da vida pessoal do atleta. Conta a história das partidas, lutas

corridas, dos campeonatos, sempre construída e reconstruída, pontuada pelos melhores momentos – gols, ultrapassagens, acidentes etc. cria expectativas: quem foi convocado para a seleção brasileira? Faz previsões: qual foi o placar, quem deverá vencer. Depois, explica e justifica: por que tal equipe ou atleta ganhou ou perdeu. Promete emoções, vitórias, gols e medalhas. Cria polêmicas e constrói rivalidades: foi impedido ou não? Critica: “fala mal” dos árbitros, dos dirigentes, da violência. Elege ídolos: o “gênio”, o craque fora de série. Por fim, sempre que possível, a falação dramática (BETTI, 2005, p. 87)

A crítica não é de se trabalhar ou não o rendimento, mas a forma excludente como é disponibilizado nas escolas brasileiras.

Origuela e Silva (2010), ao discutirem as práticas da Educação Física atual, enfatizam quanto à visão exclusivamente biológica de corpo, vivenciada nas aulas de Educação Física. Segundo as autoras:

Ainda é predominante nas aulas de Educação Física escolar uma visão de área exclusivamente biológica, tendo como finalidade o desenvolvimento da aptidão física dos alunos. Isso pode explicar porque alguns alunos que se destacam nessas aulas gostam da disciplina e porque outros, que não são bem-sucedidos, passam a odiá-la (ORIGUELA E SILVA, 2010, p.57).

Isso talvez possa explicar a falta de vontade na participação das aulas de Educação Física, por pessoas com deficiência, de porte avantajado, ou que não tenham tanta habilidade na prática esportiva, pois possivelmente elas sofreram, por exemplo, com apelidos pejorativos na escola, os quais foram intensificados no ambiente virtual. O ciberespaço trata-se de uma perigosa ferramenta nas mãos de pessoas mal intencionadas que a utilizam principalmente através das comunidades virtuais ou em sites de relacionamento como *Orkut*, *Facebook*, *Twitter*, entre outros. Esses espaços são utilizados para realizar brincadeiras de mau gosto contra homossexuais e pessoas fora dos padrões ditados por corpos perfeitos, e assim, se tornam ambientes onde as agressões verbais, iniciadas na escola, intensificam-se (FANTE, 2010).

Contudo, as vítimas, ou seja, os alvos de gozações se distanciam cada vez mais das aulas de Educação Física. Como forma de demonstrar sua insatisfação, essas pessoas criam blogs no ambiente virtual, como o intitulado “eu odeio Educação Física”. Esses blogs são criados para discutir, entre outros assuntos, o temor de retaliação, a discordância com métodos de professores e o desprazer ocasionado pelos atos de violência. As vítimas parecem ver uma saída no ambiente virtual como forma de expor seus sentimentos, rompendo com o silêncio (ORIGUELA E SILVA, 2010). Esse

rompimento do silêncio parece ser o primeiro passo na busca da diminuição de ocorrências, pois os estudos na área da Educação Física, quanto ao *bullying* e, principalmente ao *cyberbullying*, são recentes.

Oliveira e Votre (2006, p.173) confirmam a incipiência do tema quando mencionam que “na Educação Física ainda não se encontra quase nada a respeito”. Apesar da incipiência em estudos na área, Santomauro (2010), ressalta que o *bullying* se torna muito visível nas aulas, principalmente quanto à formação de grupos. Segundo a autora, “com a adolescência vem à necessidade de pertencer a um grupo, e nesse momento basta sair um pouco do padrão (alto, baixo, gordo, magro) para ser provocado (Santomauro, 2010, p.3)”.

Ao discutir esses comportamentos, Santomauro (2010) cita alguns atos de prevenção e diagnóstico em casos de *bullying* e principalmente de *cyberbullying*. Segundo a autora o processo de prevenção passa por criar ambientes e relacionamentos saudáveis, onde o professor seja exemplo a ser seguido, e disseminador de informações, sejam elas acadêmicas ou, nesse caso, através de um trabalho de conscientização constante quanto ao uso das tecnologias, formando limites a serem seguidos, tanto dentro do ambiente escolar, quanto no virtual. Já quando é constatada a prática, torna-se necessário realizar sondagens através de questionários, na tentativa de verificar o processo de relacionamento dos alunos com o *bullying* e o *cyberbullying*, falar com os envolvidos, vítima e agressor, com o cuidado da não exposição dos mesmos, orientar quanto à retirada das ofensas em casos de ambiente virtual, buscar a recuperação de valores essenciais, e em situações extremas, levar o problema a delegacias especializadas em crimes digitais, e nesse caso orientar a vítima a elencar o maior número de provas possíveis (SANTOMAURO, 2010).

Apesar dos estudos serem recentes na área de Educação Física, quanto ao *bullying* e ao *cyberbullying*; tratando das formas de prevenção ou diagnóstico, não se pode deixar de ressaltar que a Educação Física, tornou-se um espaço multicultural. Nesse espaço ocorre a construção das relações entre pares e grupos, as quais vão definir o processo de ocorrência desses atos, esses que estão ligados à forma com que ela é desenvolvida, nas suas relações com o ambiente virtual.

CAPÍTULO III

3. Cyberbullying: possíveis relações com a Escola e as aulas de Educação Física: análise das dissertações e teses dos últimos dez anos pela BDTD

Este capítulo abordará a produção acadêmica de teses e dissertações, dos últimos dez anos baseada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, na tentativa de entender se houve um crescimento de abordagem sobre o *bullying* e o *cyberbullying*, relacionados à Escola e as aulas de Educação Física. Além dessa relação citada acima, buscou-se obras relacionadas à violência, agressão, internet, ambiente virtual, lazer e sociedade contemporânea, verificando os estudos na área, e sua colaboração com a dissertação aqui apresentada.

3.1 Análise quantitativa

O estudo das teses e dissertações levou a um grande número de obras relacionadas à *bullying*, *cyberbullying*, Educação Física, lazer, sociedade contemporânea, Escola, ambiente virtual, violência, agressão e internet, nas mais diversas áreas do conhecimento. Porém, ao se investigar minuciosamente, fica evidente que as produções acadêmicas referentes à relação *bullying*, *cyberbullying*, Escola e aulas de Educação Física, nas produções entre os anos de 2003 a 2012, se apresentam em um menor número. Como pode ser verificado na figura 1.

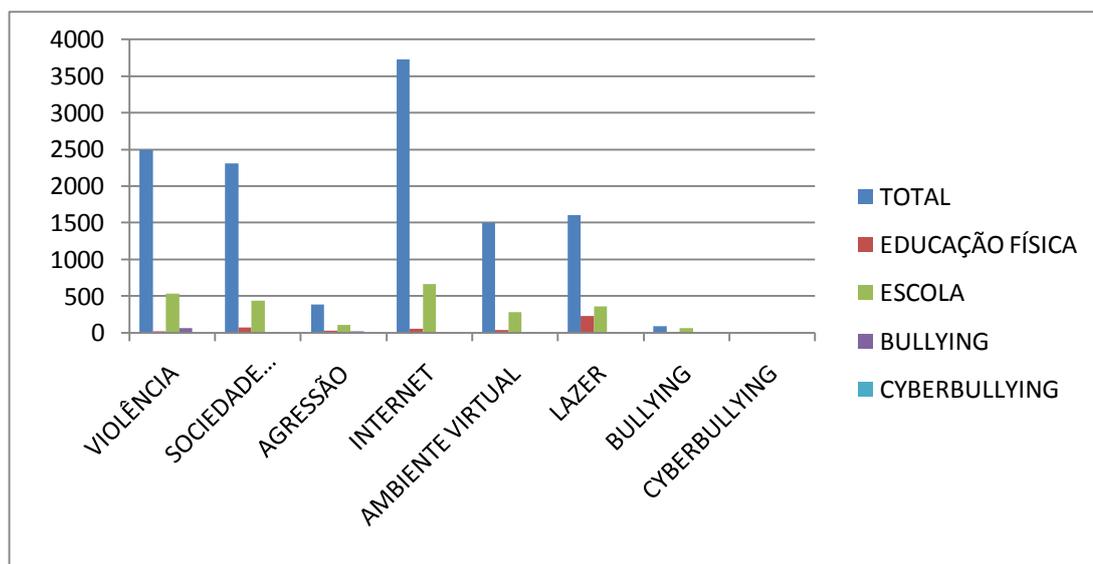


Figura 1: Produção acadêmica dos últimos dez anos sobre *bullying*, *cyberbullying*, Educação Física, lazer, sociedade contemporânea, Escola, ambiente virtual, violência, agressão e internet

O estudo da figura permite visualizar que a produção acadêmica dos últimos dez anos focada nas palavras-chave estudadas, dentre as diversas áreas do conhecimento, conta com um grande número de obras, mas quando se parte para a discussão do objeto do trabalho em específico, este número se reduz e muito.

Segundo a pesquisa, as teses e dissertações relacionadas à violência totalizam 2496 trabalhos, desses 17 tratam da violência na Educação Física, e 529 na Escola. Já quando a pesquisa foi feita baseada na sua relação com o *bullying*, 59 trabalhos abordam o assunto, e com o *cyberbullying* apenas dois. Com relação aos trabalhos que tratam sobre agressão, foi encontrado um total de 383, sendo 29 relacionados à Educação Física, 103 à Escola, 23 ao *bullying* e nenhum ao *cyberbullying*.

Quando se fala em sociedade contemporânea, foram encontrados 2311 trabalhos. Destes, 74 estavam relacionados às aulas de Educação Física, 434 a Escola, dois ao *bullying* e ao *cyberbullying* nenhum. Quanto ao tema lazer, 1602 obras foram encontradas, sendo que, entre elas 224 relacionam-se com Educação Física, 356 a Escola, 2 ao *bullying* e nenhuma ao *cyberbullying*.

Ao tratarmos o tema ambiente virtual, foram encontradas 1498 dissertações e teses, sendo 38 relacionadas com Educação Física, 219 com Escola, três com *bullying*, e

uma com *cyberbullying*. No caso da internet, 3726 trabalhos abordam o tema, sendo 49 relacionados à Educação Física, 661 à escola, três ao *bullying* e um ao *cyberbullying*.

Percebe-se que são vastos os estudos relacionados aos temas tratados nesta dissertação. No entanto, esta pesquisa se restringiu a discutir as possíveis causas do *bullying* e do *cyberbullying* e suas relações com a Escola e com as aulas de Educação Física. Nesse sentido, foram encontrados 90 trabalhos relacionados à *bullying*, onde 12 tratam da relação *bullying* e Educação Física e 61 *bullying* e Escola. Já quando falamos sobre o *cyberbullying*, foram encontradas apenas duas obras, sendo uma relacionada a Escola e nenhuma a Educação Física.

No entanto, alguns desses trabalhos apesar de apresentarem os termos *bullying*, *cyberbullying*, Escola e Educação Física, não abordavam conteúdos que pudessem contribuir com esta pesquisa. Portanto, para análise foram selecionados os trabalhos que relacionavam os temas *bullying*, Escola e Educação Física, entre si, quer de forma encadeada, quer sendo considerado em pares, sendo encontradas 12 pesquisas. Quando tratamos o *cyberbullying*, foram encontradas apenas duas obras, as quais foram analisadas, visto o pouco material encontrado, e as contribuições das discussões.

A figura a seguir apresenta a relação do ano de publicação das obras, relacionadas à *bullying*, Escola e Educação Física, na tentativa de entender se houve, ou não, um crescimento quanto à abordagem do assunto nos últimos anos (Figura 2).

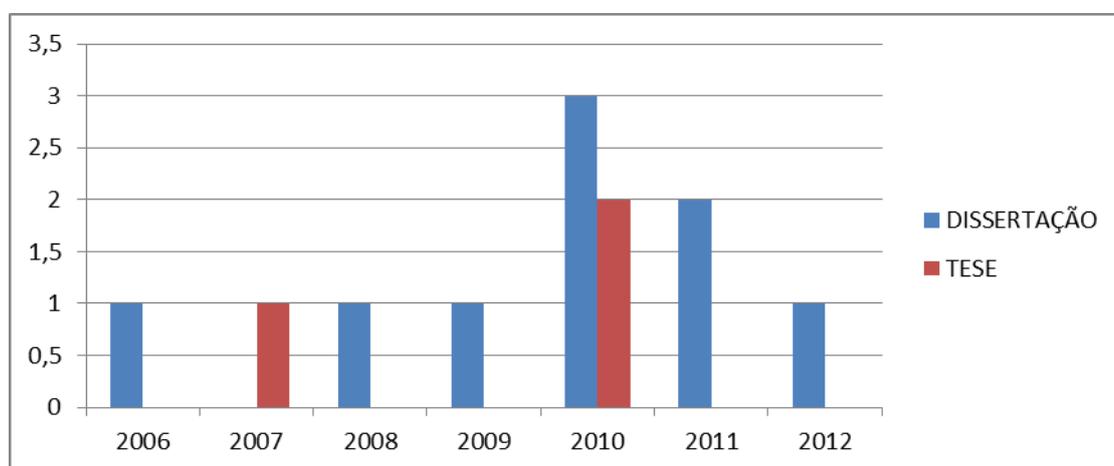


Figura 2: Dissertações e teses defendidas no Brasil nos últimos dez anos sobre a relação *bullying*, Escola e Educação Física

Com relação à incidência de estudos, sobre o tema, constatou-se que nos últimos três anos o número de pesquisas foi o dobro, quanto ao realizado em anos anteriores, sendo as obras divididas em nove dissertações e três teses. As regiões que ocorreram as pesquisas foram a Sul, Sudeste e Nordeste, sendo que, nas regiões Norte e Centro Oeste não se tiveram incidência de estudos (Figura 3).

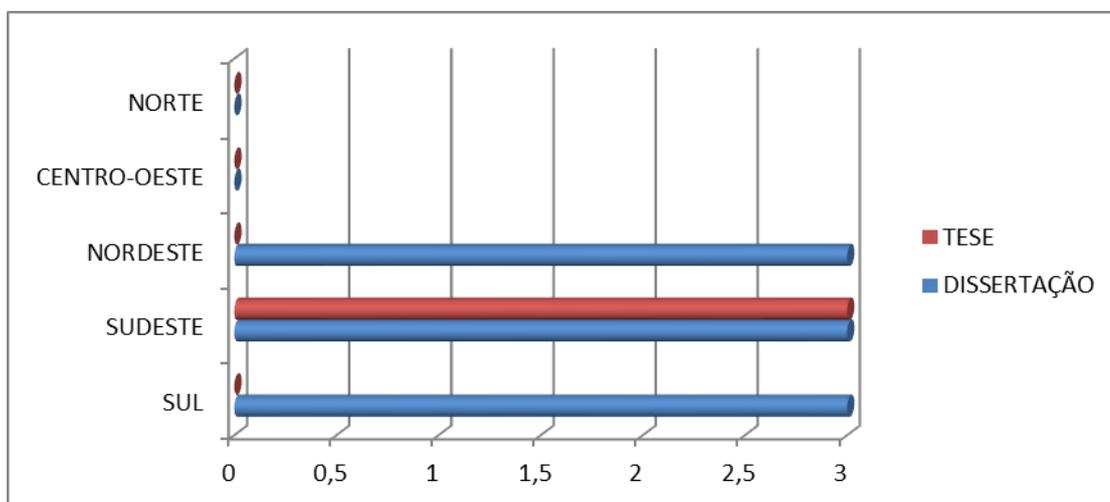


Figura 3: Distribuição das pesquisas por região do Brasil

Quanto às instituições de defesa de dissertações e teses, destacam-se as universidades públicas com 10 trabalhos, enquanto que as universidades particulares apresentaram dois trabalhos (Figura 4). Sendo os dois da mesma instituição de ensino, evidenciando sua importância quanto à discussão do tema nos últimos dez anos.

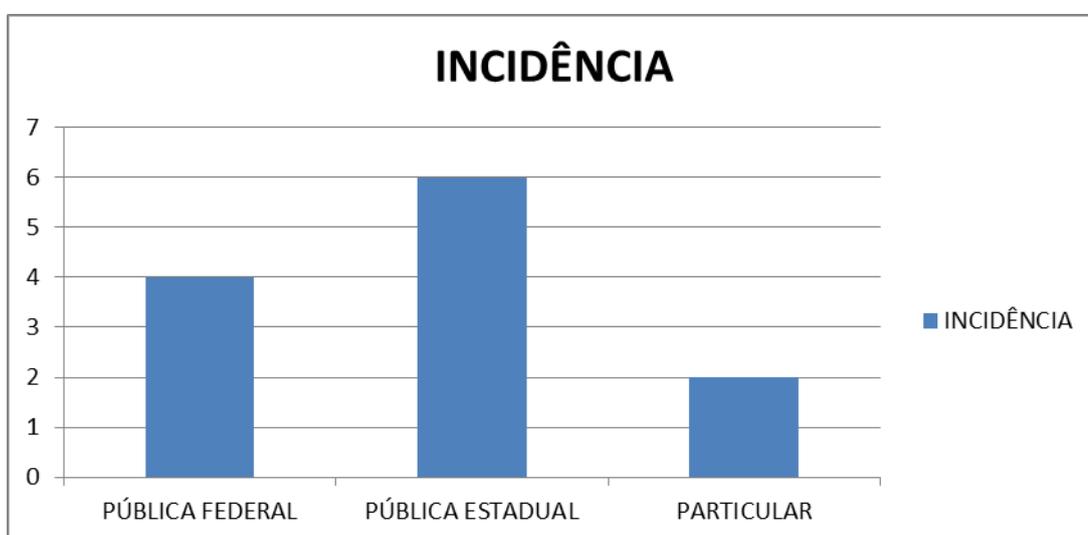


Figura 4: Instituição de origem dos pesquisadores de teses e dissertações sobre a relação bullying, Escola e Educação Física

No caso do *cyberbullying*, foram encontradas duas dissertações, sendo uma oriunda de instituição pública no ano de 2012, e a outra de instituição privada no ano de 2011, ambas desenvolvidas na região Sul do país. A primeira trata do *cyberbullying* através da intervenção de gestores em escolas públicas na secretária de desenvolvimento regional da cidade de Itajaí, SC. Já a segunda aborda o *cyberbullying*, através do *facebook*, como forma de disseminação da violência. Percebe-se pelo pequeno número de obras encontradas, tratar-se de um assunto pouco explorado no meio acadêmico (Figura 5).

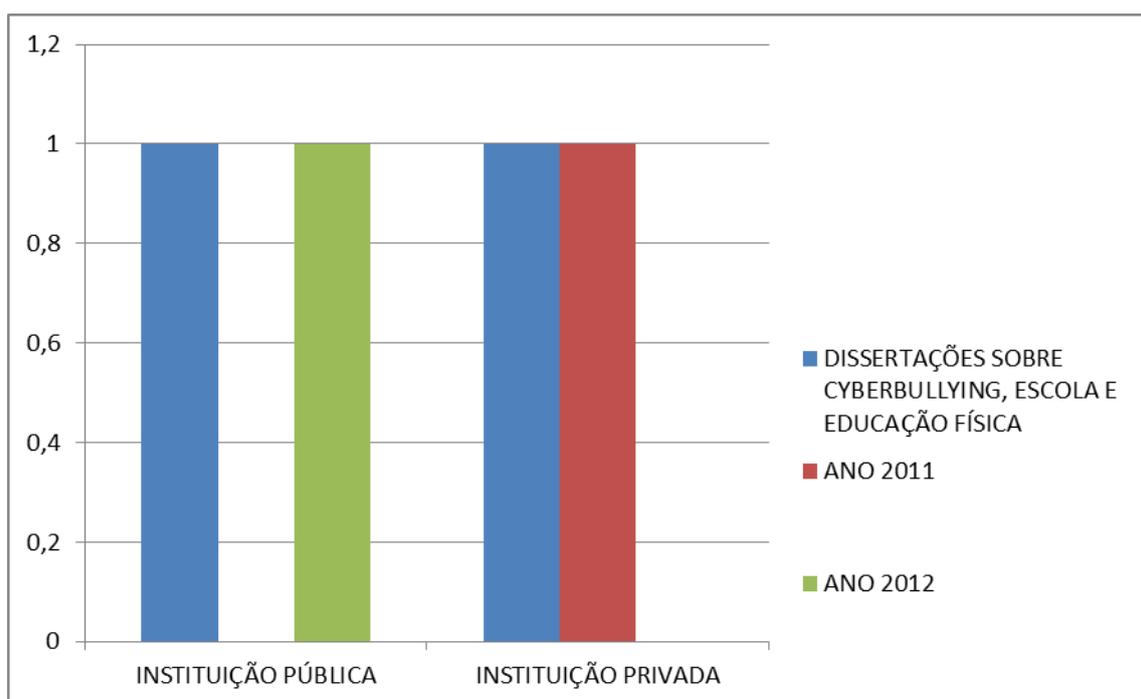


Figura 5: Dissertações e teses defendidas no Brasil nos últimos dez anos sobre a relação *cyberbullying*, Escola e Educação Física.

Exposto o número de pesquisas na área, o próximo tópico analisará somente as teses e dissertações que relacionam o *bullying*, e o *cyberbullying*, a Escola e as aulas de Educação Física, pertinentes a discussão deste trabalho.

3.2 Universo da pesquisa

Neste item são apresentadas as pesquisas que constam as relações do *bullying* e do *cyberbullying* no contexto escolar e nas aulas de educação física. Foram selecionados para análise, entre os 12 trabalhos encontrados com as palavras chave *bullying*, escola e educação física, apenas nove, pois estas foram, ao nosso entendimento, as obras mais relevantes à discussão desta dissertação. Quanto às pesquisas sobre *cyberbullying*, foram encontradas duas obras, as quais foram utilizadas. As análises foram realizadas tendo como base a ficha especial utilizada por pesquisas pelo GPL – Grupo de Pesquisa em Lazer (Anexo), e a análise documental, baseada na abordagem de conteúdos de (GIL, 1987). As pesquisas foram identificadas por letras para uma melhor organização e identificação, tendo início pelas que tratam à relação *bullying*, Escola e Educação Física, e posteriormente *cyberbullying*, Escola e Educação Física, sendo organizadas por ano de defesa.

PESQUISA A

Dissertação de mestrado em Educação Especial, Intitulada: “Violência intrafamiliar e envolvimento em *bullying* no ensino fundamental”, de autoria de Fernanda Martins França Pinheiro, publicada no ano de 2006, defendida na Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR/SP.

No trabalho constam 149 laudas, tendo como objetivo: a) investigar a associação entre *bullying* e violência doméstica direta e indireta; b) verificar a cronicidade de violência doméstica nos subgrupos de alunos envolvidos em *bullying*; c) estabelecer se havia diferença entre gênero no que se refere a essas associações.

Para tanto foram realizadas pesquisas bibliográfica e de campo, na cidade de São Carlos – SP, em três Escolas do sexto ao nono ano, do ensino fundamental, na rede pública de ensino, com alunos entre 11 e 15 anos, totalizando 239 entrevistados.

A amostra estabeleceu-se de forma probabilística, sendo a coleta de dados feita através de questionário, com a direção da Escola, e os alunos, tratando-se de um estudo comparativo. Quanto à trajetória de raciocínio utilizada, não foi explícita.

As conclusões que a autora chegou foram:

- 1) Os resultados confirmaram que os alunos envolvidos com violência familiar, possuem maior chance de se envolverem na Escola com o *bullying*, principalmente como vítima – agressor, sendo afetados em maior probabilidade em meninos;
- 2) A criança envolvida no processo de *bullying* como vítima – agressor, tem maior possibilidade de ter problemas emocionais, das que, ou sofrem como vítima ou que realizam como agressor o *bullying*;
- 3) O *bullying* deve ser combatido por todas as instâncias da Escola, sendo tratado como um indicador de abandono escolar.

Resumo

Muitos estudos têm demonstrado que as crianças expostas a violência doméstica possuem mais chance de demonstrar problemas de comportamento e ajustamento na escola. Entretanto, poucos estudos tem verificado a relação entre diferentes tipos de violência doméstica e *bullying*. Apresente pesquisa teve como principais objetivos: a) investigar a associação entre *bullying* e violência direta e indireta. b) verificar a cronicidade de violência doméstica nos subgrupos de alunos envolvidos em *bullying*; c) estabelecer se havia diferença entre gêneros no que se refere a essas associações. Participaram do estudo 239 estudantes, que cursavam da quinta a oitava série, sendo que 34,7% eram meninos e 65,3% meninas. Um questionário foi construído baseado em outros instrumentos e continha: 12 questões sobre variáveis sócio-demográficas; 16 itens de escala de tática e conflitos revisada, com o objetivo de investigar a exposição dos estudantes a violência interparental física e psicológica; e 32 questões da escala de tática e conflitos entre pais e crianças, que mediam a violência física e psicológica cometida por pais e mães contra os participantes. O envolvimento em *bullying* foi avaliado por meio de 26 itens, desenvolvidos especialmente para os propósitos deste estudo, baseados em uma versão modificada do questionário de Olweus. No geral, 49% dos alunos relatam envolvimento em *bullying* nos três meses anteriores a coleta de dados: 2,9% como autores, 25,5 como vítimas e 20,5 como vítimas-agressoras. Os meninos tiveram maior envolvimento como alvo/autores do que as meninas. Mais de 50% dos participantes testemunhou pelo menos 1 episódio de violência psicológica entre os pais, e 12% dos estudantes foram expostos também a violência física interparental, sendo relatado que pais e mães se agrediam em igual proporção. Com relação a violência contra a criança, a violência psicológica foi a modalidade mais frequente: 85% relataram que suas mães haviam perpetrado esse tipo de violência contra eles, e 62% sofreram esse tipo de violência por parte dos pais. A prevalência do abuso físico contra crianças foi, também, alarmante: cerca de 70% dos alunos relatou ter sofrido punição corporal sofrida pelos pais. Foram encontradas associações entre violência doméstica e *bullying*, com peculiaridades de acordo com o gênero dos participantes. Estar exposto a violência interparental esteve associado com ser alvo/autor de *bullying* na escola (especialmente para as meninas), mas não com ser vítima de intimidação. A violência parental direta, por sua vez, aumentou as chances dos garotos relatarem o envolvimento com o *bullying* como vítima e também com a

chance de ser vítima-agressora. Entre as meninas, sofrer violência por parte dos pais foi um fator associado somente em atuar em *bullying* como alvo/autor. Ser vítima-agressora, na presente pesquisa, significou ter mais chance de sofrer violência doméstica e que essa violência fosse mais crônica do que a relatada por alunos sem envolvimento em *bullying* ou que eram apenas alvo de intimidação. Devido ao baixo número de participantes classificados apenas como autores de *bullying*, não foi possível realizar análises estatísticas com esse grupo, o que foi uma limitação importante da presente pesquisa.

Palavras-chave: Bullying, violência doméstica, violência contra criança.

PESQUISA B

Tese de Doutorado em Educação, Intitulada: “Violência nas escolas e juventude: um estudo sobre o *bullying* escolar”, de autoria de Rosana Maria César Del Picchia de Araujo Nogueira, publicada no ano de 2007, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

Trata-se de uma pesquisa de campo e bibliográfica, a coleta de dados foi realizada através das técnicas de observação, entrevista semi-estruturada e consulta à documentação. O corpo do trabalho é formado por 258 laudas, onde se buscou estudar a manifestação da violência, e em específico o *bullying*, entre pares de jovens de classe média, sem problema de subsistência, em duas Escolas, uma particular e outra municipal.

Resultados da pesquisa:

- 1) Foram presenciados nas pesquisas, a violência física, verbal e o *bullying*,
- 2) O *bullying* foi percebido de uma forma implícita no contexto escolar;
- 3) Houve consenso entre as escolas sobre o conhecimento dos alunos sobre a temática *bullying*;
- 4) Os intervalos, entre as aulas, são marcados como os locais onde ocorre a maior quantidade de situações de *bullying*;
- 5) Os atos de *bullying* foram marcados principalmente pelos meninos causados por intimidações, já no caso das meninas por causa de fofocas.

Resumo

O objetivo deste estudo foi analisar e refletir sobre a temática “violências nas escolas e juventude”, incidindo principalmente sobre o *bullying* escolar, sob a ótica de adolescentes de classes médias e de segmentos de elites, em duas escolas, sendo uma pública e outra privada na cidade de São Paulo. Com base nas ciências sociais, buscou-se como referência as ideias de Norbert Elias (1996) a respeito do processo civilizador, quando denomina as pequenas violências ou as pequenas agressões do cotidiano que se repetem sem parar, a transgressão dos códigos de boas maneiras ou da ordem estabelecida, de incivildades, para efeito de distinção das condutas criminosas ou delinquentes; em Tarde (1986) o conceito de “coletividade puramente espiritual” e é a reflexão sobre a representação que os jovens têm sobre a violência entre colegas e a ocorrência do *bullying* escolar. Nossa fonte de dados circunscreve-se às entrevistas realizadas com quatro alunos de oitavas séries, sendo dois meninos e duas meninas de cada escola, professores, equipe técnico-pedagógica e agentes escolares; observações e consulta à documentação. Com intuito de situar os atores envolvidos, o trabalho colocou como uma de suas metas a investigação do aluno adolescente, a sua escola, a sua família e a suas relações com os colegas e como os adultos na sua vida escolar e os sentidos que eles atribuem ao fenômeno da violência. Partiu-se do pressuposto e de que ambas as escolas apresentam práticas de violência entre pares; os atores envolvidos nas condições de agressores, de agredidos ou agressores/agredidos entendem por violência física: as brigas, depredações, agressões físicas e por violência não física: ofensas verbais, institucionais, discriminações, segregações e humilhações e desconhecem o que seja *bullying* nas escolas e que os professores, equipe técnico-administrativa e inspetores estão mais preocupados nas escolas investigadas, com os casos de indisciplina na escola, sendo a falta de disciplina entre alunos, do que com os casos de violência entre pares e o *bullying* escolar independente de questões de gênero, estando presente tanto entre as jovens como entre os jovens. Os principais achados possibilitaram observar que nas duas escolas investigadas, as ações socializadoras incidem muito mais sobre o aspecto pedagógico, o que deixa em segundo plano a proposta educativa. Onde se verifica essa ausência, a escola não funciona como retradutora dos valores sociais e termina por permitir que ideais de discriminação e preconceito, por exemplo, invadam e se estabeleçam no espaço escolar. A falta de alcance da ação socializadora e mesmo o ambiente relacional promovem o aparecimento de brechas que permitem aos alunos a construção de experiências escolares, dentre elas, a experiência da violência. As duas escolas apresentam semelhanças e diferenças, entretanto, em todo o caminho percorrido, observou-se que o ponto decisivo de convergência é a presença do *bullying*.

Palavras-chave: Violência nas escolas, juventude e *bullying* escolar.

PESQUISA C

Dissertação de mestrado em Educação, Intitulada: “Gestão escolar e violência: um estudo de caso sobre as ações gestoras em situação de violência”, de autoria de Ronaldo Figueiredo Venas, publicada no ano de 2008, defendida na Universidade Federal da Bahia - BA.

A pesquisa caracteriza-se como uma combinação entre pesquisa bibliográfica e documental, onde se procurou analisar as ações da equipe gestora em caso de violência na Escola. Quanto ao método de investigação, foram realizadas entrevistas e observações diretas com os gestores da escola, entre os professores entrevistas semi-estruturadas, e com os alunos a pesquisa foi feita por meio de questionário. Trata-se também de uma pesquisa social qualitativa e quantitativa, onde se busca a compreensão do objeto de estudo a partir dos elementos presentes no campo de observação, mas contrastando com outras fontes de pesquisa. O corpo do trabalho é formado por 155 laudas, onde foi desenvolvido um estudo de caso.

Resultados da pesquisa:

- 1) A gestão escolar ainda nega a presença de violência na escola, e adota medidas equivocadas no enfrentamento de casos, baseado na pesquisa de dados;
- 2) O gestor não desenvolve um plano de ação que articule o regimento interno, e o projeto pedagógico, como mecanismos de efetivação de uma gestão democrática participativa da comunidade escolar, resultando em improvisos e repetições de velhas ações, que não surtem o efeito esperado entre os jovens;
- 3) Ainda há uma reprodução conteudista no ambiente escolar;
- 4) As intervenções dos gestores são ineficazes atribuídas da seguinte maneira: advertência, suspensão, pedido de retirada da Escola e obsoletas (câmeras, grades);
- 5) O sistema está sendo direcionado a uma visão onde a violência tem se tornado corriqueira, e os alunos têm criado meios para sobreviver em meio a ela;
- 6) Para a diminuição do índice de violência, torna-se necessário, ações de intervenção construídas com a equipe escolar, discutidas com o grupo de

professores, alunos, funcionários e pais, e passando pela reelaboração do regimento interno e do projeto pedagógico.

Resumo

Esta dissertação trata de um estudo de caso sobre as ações gestoras em situação de violência. As ações fazem parte do modo como a equipe gestora atua em situações de violência na escola. O estudo da violência requer um entendimento amplo sobre como ocorre para que as ações possam atuar nas causas do problema. Procuramos identificar as variantes que interferem na escola, que são da escola e as que são contra a escola, articulando essas variantes ao processo de transformação da direção em gestão que passaram os dirigentes educacionais. Para identificar o modo como a equipe gestora atua procuramos perceber como alunos, professores e gestores vêem a violência no espaço escolar. Posteriormente, fizemos a relação entre projeto político pedagógico e o regimento interno e as ações gestoras de enfrentamento do problema. Dessa maneira, objetivamos compreender as práticas gestoras de resolução dos conflitos. A pesquisa foi realizada em uma escola da periferia de Salvador com alto índice de violência. Com uma amostra de 103 alunos, 10 professores e 5 membros da equipe diretiva. Para a coleta dos dados foram utilizados o grupo focal, a entrevista semi-estruturada, a aplicação de questionário e a observação sistemática. Os resultados indicaram a presença de baixa sociabilidade no ambiente escolar, ausência de um eficaz sistema de regras, a falta de um sentimento de pertença na participação do conselho escolar, a presença da droga e da intimidação como causa para os casos de violência física e psicológica ocorridos durante o desenvolvimento da pesquisa. Concluímos esse trabalho apresentando as estratégias que podem potencializar o papel do gestor escolar em situação de violência.

Palavras-chave: Violência na escola, estudo de caso, gestão da escola, estratégias pedagógicas, organização da ação pedagógica.

PESQUISA D

Dissertação de mestrado em Ciências do Movimento Humano, Intitulada: “Análises de fatores associados ao comportamento *bullying* no ambiente escolar: características cineantropométricas e psicossociais”, de autoria de Gustavo Levandoski, publicada no ano de 2009, defendida na Universidade do Estado de Santa Catarina - SC.

Trata-se de campo, não probabilística, caracterizada como descritiva comparativa e correlacional. No trabalho constam 165 laudas, tendo como objetivo, averiguar se as variáveis cineantropométricas, auto-imagem corporal e status social dos

alunos com característica de vítimas, agressores/vítimas e agressores de bullying, a partir da indicação dos colegas de classe, questionário e observação do pesquisador.

A pesquisa foi realizada com 337 alunos da 6º série do ensino fundamental de uma Escola da rede pública da Grande Florianópolis- SC (Brasil).

A avaliação foi realizada em três momentos: no primeiro com a aplicação das escalas de silhueta e percepção da imagem corporal. Em segundo, avaliação cineantropométrica, e em terceiro, aplicação das técnicas para diagnóstico do fenômeno *bullying*, através do questionário da violência entre pares de Freire et. al (2006), a escala sócio- métrica criada pelo autor deste estudo, e a observação do pesquisador. A análise estatística foi realizada utilizando os testes de Análise de Variância com Post-Hoc de Tukey, Qui-quadrado, Kruskal-Wallis.

As conclusões que o autor chegou foram:

- 1) Constatou-se que os envolvidos com o *bullying*, diferenciaram-se estatisticamente em termos morfológicos, motores e na posição de status no grupo escolar;
- 2) Em média tanto vítimas quanto agressores, gostariam de ter um corpo mais desenvolvido, sendo característica dos agressores, uma melhor aceitação corporal;
- 3) O perfil das vítimas apresentou uma massa corporal total, massa corporal magra, estatura, envergadura, aptidão física principalmente nos testes que avaliam a força física e nas relações que medem o status no meio social com valores e níveis inferiores em relação aos agressores;
- 4) Em algumas disciplinas do currículo escolar as notas que medem o desempenho acadêmico indicaram valores mais satisfatórios para as vítimas.

Resumo

O bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra um ou outros, causando dor, angústia e sofrimento a vítima, gerando como consequência, problemas psicológicos. Esta pesquisa teve como objetivo averiguar se as variáveis cineantropométricas, auto-imagem corporal e status social dos alunos com característica de vítimas, agressores/vítimas e agressores de bullying, a partir da indicação dos colegas de classe, questionário e observação do pesquisador. A pesquisa foi realizada com 337 alunos da 6ª série do ensino fundamental de uma escola da rede pública da Grande Florianópolis- SC (Brasil). A avaliação foi realizada em três momentos, no primeiro com a aplicação das escalas de silhueta e percepção da imagem corporal. Em segundo, avaliação cineantropométrica, e em terceiro, aplicação das técnicas para diagnóstico do fenômeno bullying, através do questionário da violência entre pares de Freire et. al (2006), a escala sócio- métrica criada pelo autor deste estudo, e a observação do pesquisador. A análise estatística foi realizada utilizando os testes de Análise de Variância com Post-Hoc de Tukey, Qui-quadrado, Kruskal-Wallis para indicar a diferença entre os alunos com envolvimento bullying e correlações com coeficiente Pearson e Spearman sempre adotando um $p= 0,05$. A incidência foi de 28,3% de alunos envolvidos neste fenômeno, sendo que 14,1; 4,3 e 9,8 por cento destes eram vítimas, agressores/vítimas e agressores respectivamente. Constatou-se que os envolvidos diferenciaram-se estatisticamente em termos morfológicos, motores e na posição de status no grupo escolar. Não houve diferença entre os envolvidos em relação à auto-imagem percebida e a ideal, mas encontramos que tanto as vítimas quanto os agressores/vítimas, gostariam de serem maiores fisicamente, e que em média os agressores estão mais satisfeitos com sua imagem corporal. Encontrou-se uma correlação ($r= 0,354$; $p= 0,010$) entre estar envolvido em bullying e atitudes de mau comportamento e baixo desempenho escolar. Em algumas disciplinas do currículo escolar as notas que medem o desempenho acadêmico indicaram valores mais satisfatórios para as vítimas ($F= 4,645$; $p= 0,014$). Por fim o perfil das vítimas apresentou uma massa corporal total, massa corporal magra, estatura, envergadura, aptidão física principalmente nos testes que avaliam a força física e nas relações que medem o status no meio social com valores e níveis inferiores em relação aos agressores. Conclui-se que existem diferenças significativas entre vítimas e agressores envolvidos com bullying no ambiente escolar nos aspectos cineantropométricos e status social.

Palavras-chave: *Bullying*, cineantropometria, imagem corporal, status, escola.

PESQUISA E

Dissertação de mestrado em Psicologia, Intitulada: “Bullying e depressão no contexto escolar: um estudo psicossociológico”, de autoria de Celeste Moura Lins Silva, publicada no ano de 2010, defendida na Universidade Federal da Paraíba- UFPB/PA.

Trata-se de uma pesquisa de campo, em uma abordagem multimétodos de cunho qualitativo e quantitativo. A pesquisa foi realizada em Escolas da rede pública e

privada, da cidade de João Pessoa, PB, com alunos entre 12 a 18 anos. Para a coleta de dados foi realizado o questionário sócio-demofigura, o teste associação livre de palavras, o instrumento rastreador de depressão – *Childrens Depression Inventory*, a Escala de Acaso Escolar Percebido e o instrumento Projetivo – (Scriped – Cartoon Narrative Bullying). A amostragem é não probabilística, e no trabalho constam 162 laudas, tendo como objetivo principal estudar a relação entre a depressão e o *bullying*.

Resultados da pesquisa:

- 1) As meninas ancoram as representações sobre a depressão em respostas afetivas (agonia, desespero, desamor, sofrimento). Já os meninos em aspectos afetivos e comportamentais (baixa auto-estima, raiva, ódio, desmotivação com o que costumava fazer);
- 2) Constatou-se que a depressão tem laços estreitos com o *bullying*, pois ela gera comportamentos que alteram a personalidade do ser, favorecendo o enlace com a violência;
- 3) A relação *bullying* x depressão em contexto escolar, ancora-se pelas vivências dentro dessa realidade.

Resumo

Nos dias atuais, dois fenômenos vêm ocupando posição de destaque no contexto escolar, preocupando os profissionais da saúde, educação e áreas afins, que são a violência e a depressão. A violência praticada na escola denominada *bullying*, é considerada um dos maiores problemas que afligem toda comunidade de educadores, familiares e todos os segmentos da sociedade. A depressão, por seu lado, vem sendo apontado como uma das síndromes mais presente no contexto escolar. Como consequência do primeiro, podemos apontar a própria depressão, a baixa auto-estima, estresse, o absentismo ou evasão escolar, atitudes de autoflagelação e até o suicídio; todos estes sinais também presentes na depressão. Neste sentido, este estudo objetiva estudar as representações sócias dos estudantes acerca da depressão e do *bullying* e verificar se existe alguma relação entre os dois fenômenos. Os participantes da pesquisa foram 300 adolescente, meninos e meninas, entre 12 a 18 anos. Todos responderam a um questionário sócio-demofigura, a Técnica associação livre de palavras, o instrumento rastreador de depressão – *Childrens Depression Inventory*, a Escala de Acaso Escolar Percebido e o instrumento Projetivo – (Scriped – Cartoon Narrative Bullying). A partir dos resultados do questionário sócio-demofigura, traçou-se o perfil dos adolescentes por meio do CDI e do EAP, sendo possível rastrear os adolescentes que vivenciavam o *bullying* e a depressão. A técnica de associação livre de palavras possibilitou a apreensão das representações sociais da depressão e da violência. O instrumento script também possibilitou a apreensão da RS acerca do *bullying* por meio das relações e idiossincráicas dos participantes da pesquisa. A depressão foi objetivada

por elementos assinaladores de baixa auto-estima, negativismo, agonia, angústia, nervosismo, desespero, desamor, e ancorada na esfera psicoafetiva. O *bullying* foi efetivado pelos elementos de brincadeiras de mau gosto através da agressão física (empurrar, derrubar, dar soco, puxar roupas, cabelos) e verbal (xingar, chamar palavrões, apelidar, excluir, proibir de participar das brincadeiras) e ancorada na violência física e psicológica. Os dados revelaram ainda que tanto a violência, quanto a depressão provocam conseqüências como desequilíbrio nas esferas psicológicas, cognitivas, afetivas, físicas e comportamentais.

Palavras-chave: *Bullying*, depressão, contexto escolar, adolescência.

PESQUISA F

Dissertação de mestrado em Psicologia da Educação, Intitulada: “*Bullying* no contexto escolar: intimidações entre pares”, de autoria de Regina Garcia Toledo de Souza, publicada no ano de 2010, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de campo, constituída por 124 laudas, sendo a coleta de dados realizada através de entrevista com a diretora da Escola onde foi realizada a pesquisa. Foram realizadas análises de documentos e questionário aos alunos, tentando investigar qual a visão dos alunos de 5º ano sobre o *bullying* praticado por um aluno, ou um grupo, contra outro ou um grupo, e para isso, tentou-se investigar as interações sociais desses alunos.

Resultados da pesquisa:

- 1) Os alunos apontaram o recreio como o horário mais agradável na escola, pois é o momento que podem interagir com os colegas e descansar;
- 2) A entrada como momento mais desagradável, pois é o momento que permanecem mais sozinhos, e de maior correria no ambiente escolar;
- 3) O maior número de intimidações ocorre fora da aula, em outros espaços da escola;
- 4) A maior incidência de *bullying* é proveniente do recreio;
- 5) Quase a metade dos alunos envolvidos na pesquisa relatou se sentirem intimidados por algum colega no momento em que foi realizada a pesquisa;
- 6) A agressão verbal é a de maior frequência;
- 7) O perfil dos alunos que intimidam, são verificados pelo convívio em grupo;

- 8) Quase o dobro de alunos pesquisados, presenciou atos de *bullying* na escola;
- 9) Mais de 60% dos alunos relataram que ao presenciar o *bullying*, não tiveram reação;
- 10) Na prática do bullying, os alunos relataram como sentimentos provenientes, a satisfação, remorso, raiva e defesa pessoal;
- 11) Quando presenciadas, os alunos entendem essas atitudes como uma forma do agressor dispor sua raiva, ódio, superioridade, remorso ou satisfação. E relataram entre outros o sentimento de medo, imparcialidade, dó, angústia e indignação;
- 12) Já o sentimento de quem sofre é disposto através dos sentimentos de raiva, humilhação, vergonha tristeza, medo, indignação, desmotivação e insegurança.

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi investigar qual a visão dos alunos a respeito da violência entre pares no contexto escolar. O recorte escolhido foi *bullying* por meio da prática de atos de intimidações. Buscamos apresentar a percepção dos alunos a respeito das intimidações no ambiente escolar e apresentar sentimentos e percepções ao agir, sofrer, ou presenciar ações de *bullying* no contexto escolar. Foram sujeitos da pesquisa alunos da 5 série do ensino fundamental de uma escola da rede pública da Grande São Paulo. Utilizamos o questionário como instrumento para a coleta de dados. Estes foram analisados sobre o prisma da psicogenética de Henri Wallon e dos estudos de Dan Olweus e outro sobre *bullying*. Os dados, revelam entre outros, que a maioria dos alunos define a entrada como momento mais desagradável do dia escolar, e o recreio como momento mais prazeroso. No entanto o recreio é considerado como o local de maior incidência de intimidações. A maioria aponta que possui um bom relacionamento com os colegas de classe, porém quase a metade revela que esta sendo intimidado por outros colegas e sinaliza que já presenciou outros alunos serem intimidados na escola. A prática predominante é a intimidação psicológica em detrimento da violência física. Quanto aos sentimentos e percepções, os dados revelam que alguns alunos sentem ou sentiram remorso e raiva, outros satisfação e outros reação de defesa quando praticavam as ações de intimidações contra colegas, a maioria percebe o que o outro sente quando sofre ações de *bullying*; sentimentos como vergonha, tristeza, humilhação, indignação, medo, tristeza, desmotivação. A pesquisa aponta também que os alunos sentem pena e angústia ao presenciar atos de *bullying*.

Palavras-chave: relação interpessoal, afetividade, Henri Wallon e bullying.

PESQUISA G

Dissertação de mestrado em Educação e Ciências, Intitulada: “Violência entre pares: um estudo de caso numa escola pública de ensino fundamental no município de Esteio/RS”, de autoria de Carla Elizabeth Da Silva, publicada no ano de 2011, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RS.

No trabalho constam 46 laudas, tendo como principal objetivo, o estudo da violência entre pares em uma Escola pública na cidade de Esteio/RS. Para tanto foram realizadas as pesquisas bibliográfica e de campo. A amostra estabeleceu-se de forma probabilística, sendo a coleta de dados através de questionário, com 161 alunos de ambos os sexos, entre 12 e 20 anos do oitavo e nono ano do ensino fundamental. Quanto à trajetória de raciocínio utilizada, não foi explícita, sendo a pesquisa caracterizada como um estudo de caso.

As conclusões que a autora chegou foram:

- 1) O tipo de agressão mais frequente verificada através da pesquisa, foi à agressão verbal;
- 2) Os alunos agressores são em sua maioria, vítimas de agressão;
- 3) Houve 8,7% de incidência de *bullying*, neste contexto escolar, o restante se caracterizou como atos de violência, portanto sendo um ambiente onde ocorrem com pouca incidência;
- 4) O pouco índice de ocorrências de *bullying* foi justificado pela autora, pelas estratégias de coibição de comportamentos agressivos entre pares, utilizados pela gestão da escola, tais como recreios supervisionados, controle da entrada e saída de alunos pela equipe gestora;
- 5) A violência reproduzida na escola teria como uma das consequências a violência doméstica;
- 6) Com o aumento de idade, houve uma diminuição nas agressões físicas e um aumento nas agressões verbais.

Resumo

Este estudo investiga a violência entre pares numa escola pública de Esteio/RS. A amostra foi composta por 161 alunos, sendo 102 da sétima, e 59 da oitava série, 67 meninas e 94 meninos, com idades entre 12 e 20 anos. Foi utilizado o questionário “Violência entre pares”. Os resultados mostram que 56,9% foram vítimas, 82% observadores, e 38,5% agressores. Apenas 8,7% foram agredidos mais de 3 vezes. A agressão mais frequente foi a verbal (47,2%), seguida da física (21,1%), e das outras

formas de agressão (13,7%). Não foi significativa a presença de *bullying*, e os casos de violência, foram mais associados a violência doméstica. A grande maioria dos alunos avaliou o ambiente escolar e a relação com os colegas de turma como positiva, e não houve nenhuma associação entre vitimização e piora da avaliação entre esses dois parâmetros.

Palavras- chave: Escola pública, violência entre pares, ensino fundamental.

PESQUISA H

Dissertação de mestrado em Educação, Intitulada: “*Bullying* e diferenças: a busca por um olhar ampliado”, de autoria de Elise Helena de Moraes Batista, publicada no ano de 2011, defendida na Universidade Estadual de Campinas - SP.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de campo, que analisa as diferentes formas de *bullying* na Escola. A pesquisa se constituiu de 188 laudas, desenvolvida através de observação direta e participante, com utilização de diário de campo onde eram realizadas anotações cotidianamente. Quanto à intervenção, além de uma produção textual sobre o tema, realizada com os alunos, onde os mesmos relatavam vivências próprias, foi criado um grupo de discussões, relatos e ajuda.

Resultados da pesquisa:

- 1) Os alunos relataram que através dos encontros do grupo, tornou-se possível perceber os sentimentos dos colegas que sofriam com o *bullying*, e indicaram que um caminho para o combate as agressões na escola é ter espaços semelhantes aos encontros;
- 2) O padrão de beleza estereotipado através de corpos sarados é um fator que se relaciona com a criação de apelidos, xingamentos e agressões, com pessoas que não se encaixam nesse padrão social;
- 3) Quanto à participação nas aulas de Educação Física, o autor chegou ao dado que o gênero relaciona-se a abstenção de meninas nas aulas, principalmente quando as atividades são realizadas com meninos. Fato decorrente das meninas se sentirem em nível de habilidade menor, ou, pelo padrão de feminilidade e masculinidade pré-estabelecido de alguns esportes, discutidos no grupo através, por exemplo, de atitudes machistas;

- 4) Segunda a pesquisa na visão dos alunos, a cor da pele, ainda hoje representa desigualdade, além de uma hierarquização na qual os negros ocupam uma posição inferior.

Resumo

O *bullying* é um assunto que tem sido cada vez mais abordado no meio educacional, nem sempre pautado por reflexões mais aprofundadas. Por este motivo, o presente estudo problematiza o fenômeno a partir de uma análise crítica que o relaciona às diferenças na escola. Para tanto, no ano de 2009 foram observadas aulas de educação física de oito quintas séries, com registros realizados em um Diário de Campo. Os dados obtidos foram utilizados para a formação de um Grupo Focal no ano de 2010, com quinze alunos dentre os observados. Essa metodologia teve como objetivo ouvir os alunos a respeito da convivência escolar, para a partir de suas falas, refletir sobre o fenômeno do *bullying*. Os dados obtidos por meio dos registros do Diário de Campo e Das discussões expressas no Grupo Focal indicam que os alunos apresentam concepções estereotipadas e permeadas de preconceitos em relação às diferenças, vinculadas aos padrões de beleza, raça, cor, gênero e sexualidade. As agressões caracterizadas como *bullying* estão fortemente ligadas aos preconceitos existentes nas relações cotidianas. Nesse sentido, é possível estabelecer uma reflexão acerca do destaque dado à problemática do *bullying* na atualidade com uma nova concepção de cidadania, que emergiu a partir dos movimentos sociais da década de 1980. Portanto, para que o fenômeno seja abordado e analisado, é necessário que o meio sociocultural seja problematizado nas discussões sobre o assunto. Para compreendê-lo, é necessário um olhar ampliado que considere a voz dos alunos, a criação de espaços escolares nos quais possam expressar seus pensamentos e sentimentos, e a vivência de experiências que os levem a refletir sobre os processos sociais contemporâneos.

Palavras-chave: *Bullying*, escola, juventude, preconceito, diferenças.

PESQUISA I

Dissertação de mestrado em Educação, Intitulada: “Reflexão sobre agressividade, violência e *bullying* na escola: perspectivas de contribuição das práticas corporais cooperativas”, de autoria de Valéria Maria Soares Silva de Góes, publicada no ano de 2012, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - RN.

Trata-se de uma pesquisa etnográfica, que objetiva refletir sobre a agressividade, a violência e o *bullying* na Escola, e como as práticas corporais cooperativas auxiliam para a diminuição destes fatores. Quanto às técnicas de coleta, foram realizadas anotações escritas, fotografias e gravações, com alunos do sexto ano de uma escola pública em Natal – RN. A pesquisa caracterizou-se como uma observação participante,

e posteriormente interventiva, a trajetória de raciocínio foi através da linha descritiva. O corpo do trabalho é formado por 143 laudas.

Resultados da pesquisa:

- 1) Os alunos passaram a mesclar práticas de cooperação dentro dos jogos competitivos;
- 2) A relação dos jogos cooperativos, entre os alunos, foi tratada na pesquisa, como um momento de ludicidade e alegria que marcaram a memória corporal de quem a vivenciou;
- 3) Evidenciou que o recreio interativo e as atividades cooperativas, são estratégias importantes, para conter a prática violenta, o individualismo, bem como, aflorar valores humanos;
- 4) Houve uma diminuição das condutas violentas no recreio, graças à realização dos jogos cooperativos.

Resumo

A presente dissertação relata uma proposta de intervenção pedagógica embasada na utilização de práticas corporais cooperativas durante aulas de educação física, no intuito de criar situações que permitam ao educando refletir sobre a violência e suas consequências nas relações sociais na escola. Para tanto, partimos da seguinte questão de estudo: quais as perspectivas de a educação física contribuir para minimizar as atitudes agressivas e violentas dos alunos na escola? Centrado no objetivo de refletir sobre a agressividade, a violência e o *bullying* na escola, à luz de uma fundamentação teórica e nas perspectivas de contribuição das práticas corporais cooperativas para a diminuição dos seus efeitos no ambiente escolar, em particular nas aulas de educação física, buscamos envolver os alunos em atividades que estimulavam a expressão de valores humanos, como solidariedade, respeito e cooperação, entre outros. Nesse intuito, optamos por um estudo etnográfico, devido à possibilidade de interação próxima entre investigador e investigado. Nossa pesquisa está diretamente ligada aos aspectos sociais que envolvem os problemas da sociedade de uma maneira geral, na tentativa de diminuir os problemas decorrentes de situações de agressão que acontecem numa determinada escola municipal da cidade de Natal/RN, sendo a amostra constituída por alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. A análise das situações práticas vivenciadas pelos alunos mostrou-se eficaz para minimizar as atitudes agressivas no espaço escolar, bem como abrem perspectivas para que os educadores lidem melhor com tais atitudes, aproveitando-as para educar os alunos no sentido de estimular as boas relações. Acreditamos, com esta pesquisa, podermos compartilhar com outras escolas nossas experiências, na tentativa de resolução de problemas semelhantes a respeito da temática da agressividade, respeitando naturalmente a especificidade de cada escola em particular.

Palavras-chave: Agressividade, escola, educação física escolar, práticas corporais cooperativas, valores humanos.

PESQUISA J

Dissertação de mestrado em Educação, Intitulada: “Bullying: noções e ações dos gestores de escolas públicas estaduais da 17 Gered Itajaí, SC”, de Anelise Escaravaco, publicada no ano de 2011, defendida na Universidade do Vale do Itajaí - SC.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa, pautada no propósito de conhecer e interpretar a realidade, sem nela interferir para modificá-la.

O objeto de estudo da dissertação, foram as noções e ações dos diretores escolares em relação à gestão do *bullying* nas Escolas públicas estaduais de Itajaí – SC.

Quanto à coleta de dados, além da análise bibliográfica, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com os diretores das escolas. A obra se constitui em 99 laudas.

Resultados da pesquisa:

- 1) Os diretores demonstraram pouco conhecimento, próximo a senso comum, sobre a temática *bullying* e sua legislação;
- 2) Há uma grande distância entre os poderes legislativo, judiciário e executivo, junto à atuação de gestores, para programas *antibullying*, no contexto escolar;
- 3) Quanto às ações de superação e criação de regras *antibullying*, os diretores demonstraram conhecimento em relação às discussões e abordagens;
- 4) Quanto às ações constatou-se a transferência de responsabilidade do diretor para o professor e eventualmente para orientadores e técnicos educacionais;
- 5) A diminuição de ocorrências de *bullying* e *cyberbullying* passa pela elaboração de projetos específicos, por parte de gestores e órgãos públicos, pouco visto na pesquisa.

Resumo

A partir da constatação do crescimento no número de casos de violência escolar no país, este estudo objetivou caracterizar as noções e ações dos diretores escolares em relação à gestão do *bullying* nas escolas públicas estaduais de Itajaí – SC. A pesquisa se insere na linha de pesquisa: Políticas para a educação básica e superior do grupo de pesquisa políticas públicas de currículo e avaliação do programa de pós-graduação em educação da UNIVALE. Tal estudo se configura como uma pesquisa descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa, da qual participaram 9 diretores que responderam entrevista

semi-estruturada. Contribuíram para sustentação teórico-científica do estudo autores que investigam o fenômeno *bullying* (Fante; Pedra) e suas variações como o *cyberbullying* (Shariff) e *bullying* escolar (Silva), as políticas anti bullying (Eyng) e a gestão escolar (Paro). Além de buscar respostas dos gestores de escolas públicas sobre *bullying*, investigou-se a importância das políticas públicas para a prevenção e superação desse fenômeno na escola. Os dados foram tratados por meio de análise de conteúdo e evidenciaram que as noções sobre o fenômeno *bullying* estão muito próximas ao senso comum e que há desarticulação entre as instâncias deliberativas e as escolas. Quanto às ações constatou-se a transferência de responsabilidade do diretor para o professor e eventualmente para orientadores e técnicos educacionais.

Palavras-chave: Políticas públicas, *bullying* e gestão escolar.

PESQUISA K

Dissertação de mestrado em Letras, Intitulada: “Violência na internet: um estudo do *cyberbullying* no *facebook*”, de autoria de Carolina Campos Rodeghiero, publicada no ano de 2012, defendida na Universidade Católica de Pelotas - RS.

Trata-se de uma pesquisa de campo e bibliográfica, em uma abordagem analítica. A pesquisa foi realizada através do *site facebook*, tratando-se de um estudo de caso, onde a autora selecionou publicações que possuíam em seu discurso alguma forma de violência, por consequência analisou-as. Quanto à trajetória de raciocínio não foi explícita, e sobre as técnicas de coleta, foi utilizado um formulário, intitulado ACD, não ficando claras as técnicas de amostragem. O corpo do trabalho é formado por 152 laudas.

Resultados da pesquisa:

- 1) A convivência no ambiente virtual tornou-se mais ampla até mesmo que no real.
- 2) Banalizou-se a violência no *facebook*, e isso é um dado alarmante visto ele ser uma ferramenta de rápida disseminação de informações.
- 3) A violência lingüística tem se tornado um dado presente nas redes sociais.
- 4) O “humor negro”, página que faz sátiras, entre outras, tornou-se uma arma perigosa, pois através deste “humor”, as pessoas muita das vezes deixam de ver a agressão ali contida.
- 5) Quanto a análise das agressões no *facebook*, a autora, cita a gramática visual, como um fator essencial, visto que, a imagem pode mudar o sentido ou fazer total diferença na leitura de um texto.

Resumo

O site de redes sociais mais aderido de hoje está prestes a ter mais de 900 milhões de pessoas conectadas a ele. Este é um ponto de partida para as relações sociais e suas características, no qual se pode encontrar não só comunicação, mas exemplos concretos sobre como a violência pode ser grande em tal ambiente. Este estudo faz uma análise sobre o *bullying* em seu contexto virtual, mostrando como o *cyberbullying* pode mudar as relações sociais com a participação massiva de pessoas no Facebook. Para isso, apresentamos como as tecnologias da informação se desenvolveram até os dias de hoje com as redes sociais e sites de redes sociais, estudando a violência em sua história e conceito, baseando o estudo em autores como Hannah Arendt (2009) com teorias de como estão relacionados poder e dominação, e comparando isso com a contribuição de Foucault (2009) de como a vigilância é sobre punição e controle. Em seguida, fechando as teorias sobre a violência, vigilância e *cyberbullying* com Smith *et al.* (2009), falando sobre a violência virtual e sua relação com sites de redes sociais. Depois, como referencial teórico e metodologia, usamos Análise Crítica do Discurso com ênfase na concepção tridimensional do discurso de Fairclough (2003) e na Gramática Visual de Kress & Leeuwen (2006) para fazer uma análise em publicações do *Facebook* que apresentam sinais de violência. Por mantermos o foco não só na própria publicação, mas na sua produção, distribuição e recepção, este estudo é sobre como o *cyberbullying* pode ser encontrado fora do ambiente escolar ou adolescente, no contexto virtual, de adultos e público, o que faz esse tipo de *bullying* ser ainda mais violento e sem preocupação com o abuso de poder nele existente.

Palavras-chave: Discurso da violência, sites de redes sociais, perspectiva tridimensional do discurso; análise crítica do discurso; facebook

Analisando os dados encontrados nas teses e dissertações relacionadas à *bullying* e *cyberbullying*, com as possíveis causas na Escola e nas aulas de Educação física, chegou-se aos seguintes dados, quanto aos tipos de pesquisa:

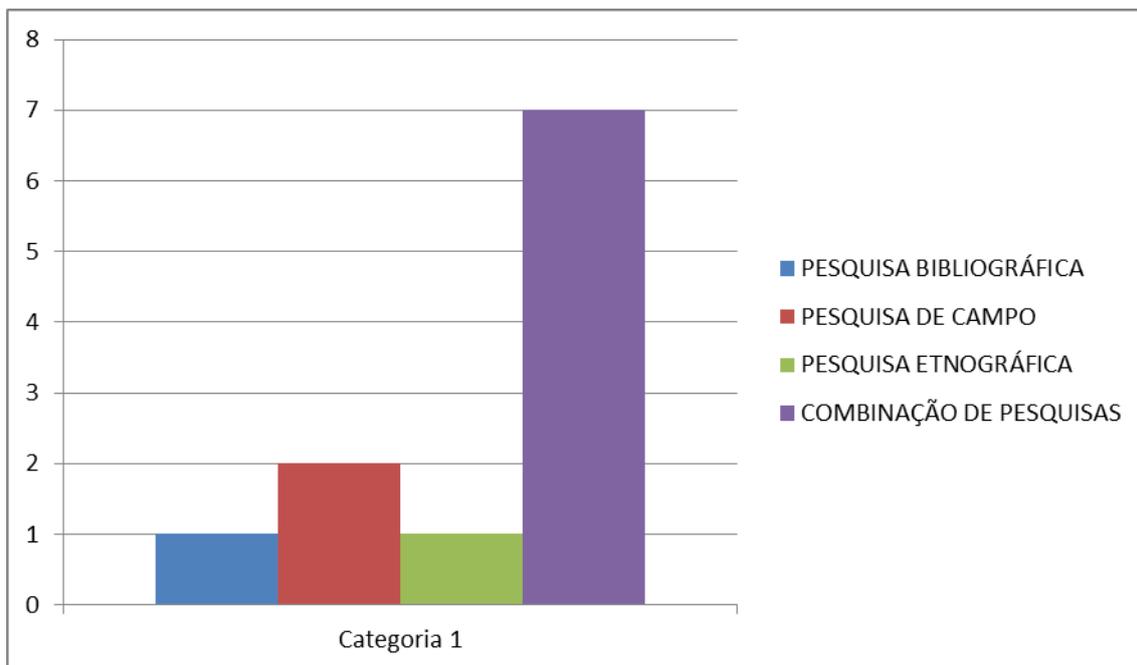


Figura 6: Tipos de pesquisas analisadas através da BDTD

Quanto à combinação de pesquisa, os dados analisados foram os seguintes:

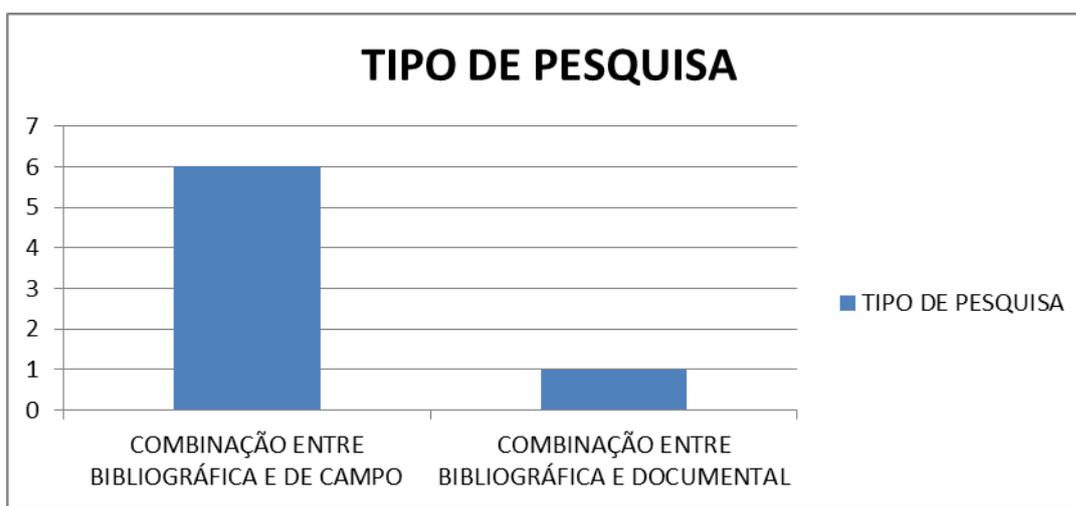


Figura 7: Amostragem sobre o tipo de combinação de pesquisa

Já sobre a coleta de dados, houve uma grande gama de formas, destacando-se o questionário como meio corriqueiro de investigação. Estes dados podem ser verificados na figura a seguir:

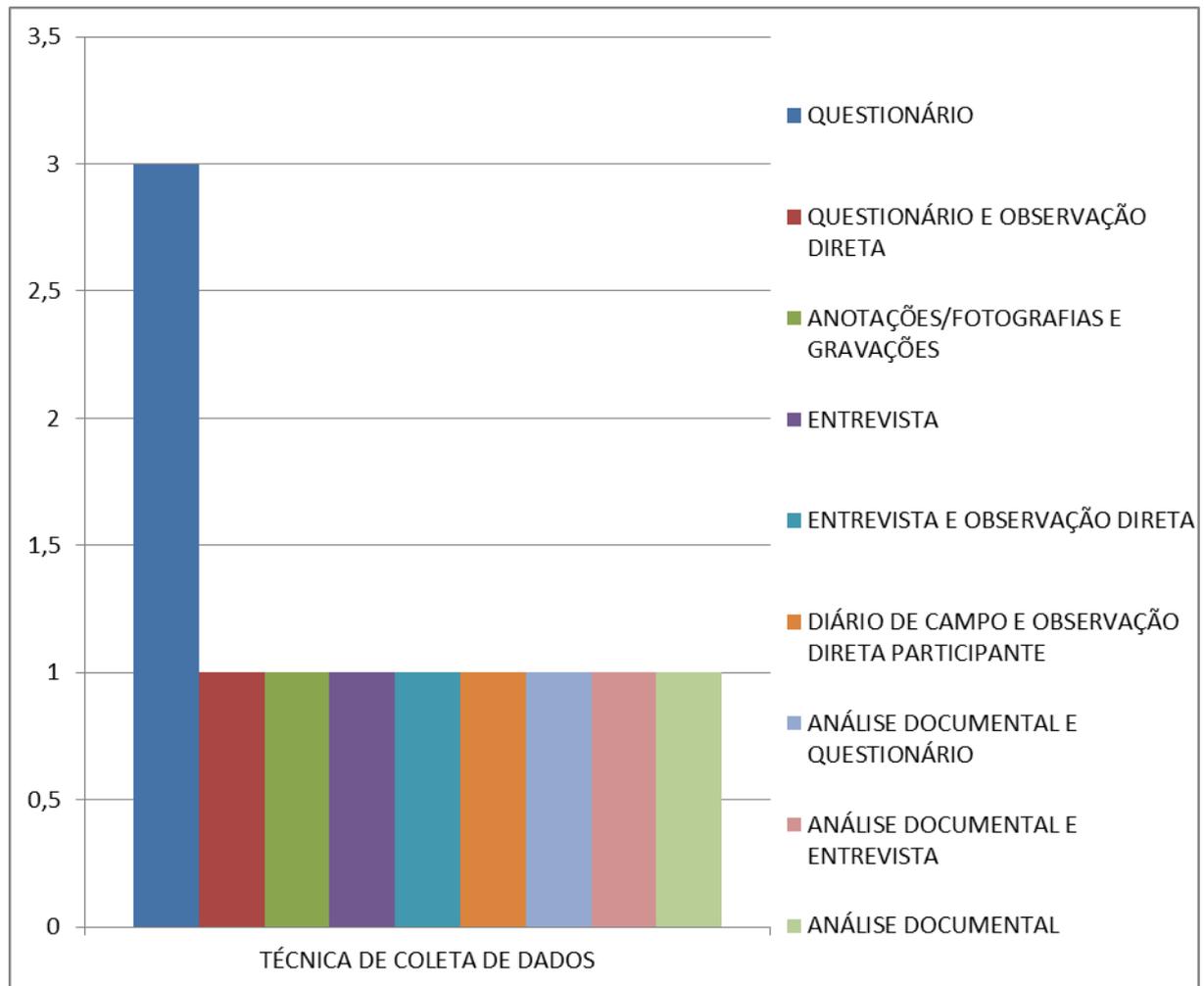


Figura 8: Modelo de coleta de dados

Nos modos de investigação, constatou-se o estudo comparativo como a forma mais utilizada nas pesquisas, seguido pelo estudo de caso. Já a experimentação, e a quase experimentação não foram utilizadas nas pesquisas analisadas. Os dados podem ser verificados na tabela a seguir.

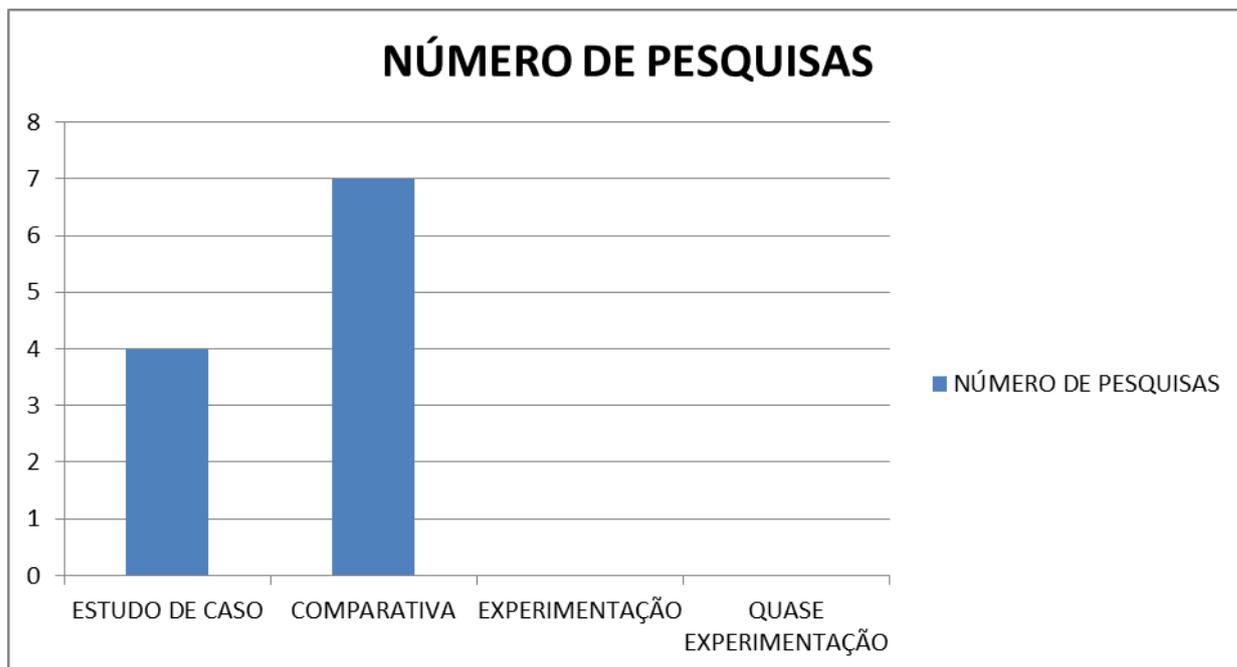


Figura 9: Análise do modo de investigação utilizado nas pesquisas sobre a relação *bullying*, *cyberbullying*, Escola e Educação Física

Uma vez realizada as análises quantitativas, o próximo tópico abordará os resultados da análise qualitativa.

3.3 Análise qualitativa

Mediante a verificação de dados quantitativos no terceiro capítulo, identificou-se que, o meio acadêmico conta com várias obras sobre *bullying*, mas que essas dissertações e teses se tornam mais restritas quando o relacionamos a Escola e as aulas de Educação Física. No entanto, a abordagem sobre *cyberbullying* encontra-se em um processo embrionário, não sendo encontrada nenhuma obra que a relacionava a Escola e as aulas de Educação Física.

Analisando as pesquisas, é possível observar que embora tenham sido em anos, regiões, instituições e públicos alvos diferentes, elas convergem quanto ao trato do tema *bullying* e *cyberbullying* como um fenômeno, que cada vez mais se torna corriqueiro no contexto escolar, e nos ambientes virtuais, centrando-se em observar como, quando e por que acontecem casos de *bullying* e *cyberbullying*, e como são tratados.

Neste sentido, as pesquisas (B, D, E, e H), abordam os envolvidos com o *bullying*, identificando-os em termos morfológicos, motores e na posição de status frente ao grupo escolar. Segundo a pesquisa B “em relação à imagem corporal ideal, percebemos que, tanto as vítimas, quanto os agressores/vítimas, gostariam de ser maiores fisicamente” (2007, p.96).

A esse fato pode-se acrescentar, ainda segundo a pesquisa B, que os agressores possuem uma melhor aceitação corporal. Sobre essa relação entre porte físico e *bullying*, a pesquisa H chama atenção que este padrão de beleza corporal estereotipado através de corpos sarados, é um fator que se relaciona com a criação de apelidos, xingamentos e agressões, com pessoas que não se encaixam nesse padrão social.

Bullying se relaciona às diferenças, que motivam o menosprezo e a agressão. Dentre as diferenças que incentivam o bullying, há aquela que se relaciona aos padrões de beleza. “Gordinhos” e “gordinhas”: uma grande motivação para apelidos, xingamentos, agressões! (Pesquisa H, p.108).

Quanto à participação nas aulas de educação física, a pesquisa H, concluiu que o gênero relaciona-se à abstenção de meninas nas aulas, principalmente quando as atividades são realizadas com meninos, fato decorrente das meninas se sentirem em nível de habilidade menor, ou, pelo padrão de feminilidade e masculinidade pré-estabelecido de alguns esportes.

Ainda sobre a posição social, outro dado marcante na pesquisa H, foi a constatação quanto à visão de alunos, sobre a cor da pele. Segundo a obra, ainda hoje a cor de pele representa desigualdade, havendo uma hierarquização na qual os negros ocupam posição inferior.

Quanto aos atos de *bullying*, segundo a pesquisa B, foram marcados por características peculiares entre meninos e meninas, sendo os primeiros em sua maioria resultantes de casos de intimidações e o segundo por fofocas. Ao mesmo tempo as pesquisas F e G apontam a violência verbal como a de maior incidência de *bullying*. Já as pesquisas B e F, analisam essa incidência no contexto escolar, através dos vários espaços que o compõe, concluindo que no recreio escolar, ocorre o maior número de casos de *bullying*, provenientes em muito, pelo recreio se tratar de um espaço onde existe menos controle.

Outro estudo demonstra que através de um programa de intervenção, essas ocorrências podem diminuir. Segundo a pesquisa I, evidenciou-se que o recreio interativo e as atividades cooperativas, são estratégias importantes para conter a prática violenta, o individualismo, bem como, aflorar valores humanos.

Por serem atividades em momentos livres, de descontração, podemos interferir até certo ponto, mas a simples presença de pessoas adultas fez com que os próprios alunos mantivessem um comportamento comedido em relação aos outros no que se refere a atitudes agressivas ou comportamentos agressivos (Pesquisa I, p. 62).

Sobre as intervenções no contexto escolar, as pesquisas C e J, relatam que há uma grande distância entre os poderes legislativo, judiciário e executivo, junto à atuação de gestores, para programas *antibullying*, no contexto escolar.

Segundo as pesquisas os gestores das escolas demonstram pouco conhecimento sobre a temática *bullying* e sua legislação. E em alguns casos, a gestão escolar ainda nega a presença de violência na escola, e adota medidas equivocadas no enfrentamento.

A pesquisa J, ressalta que, quanto às ações, a transferência de responsabilidade do diretor para o professor e eventualmente para orientadores e técnicos educacionais. Já na pesquisa C, o autor salienta que as intervenções dos gestores são ineficazes, atribuídas da seguinte maneira: advertência, suspensão, pedido de retirada da Escola; e obsoletas (câmeras, grades, entre outras).

Ambas pesquisas J e C, concluem que para a diminuição de ocorrências de *bullying*, tornam-se necessárias ações de intervenção construídas com a equipe escolar, discutidas com o grupo de professores, alunos, funcionários e pais, e passando pela reelaboração do regimento interno e do projeto pedagógico.

O *bullying* deve ser combatido nas várias instâncias do ambiente escolar, mas cabe salientar que esta violência ultrapassou os muros escolares, e que o convívio social e familiar, segundo as pesquisas influem na produção e reprodução da violência.

Neste sentido, a pesquisa A analisa a relação entre *bullying* escolar e violência familiar, constatando que os alunos envolvidos com violência familiar doméstica, possuem maior chance de se envolverem na Escola com o *bullying*, principalmente como vítima – agressor. Dado ressaltado também na pesquisa G.

Os alunos que presenciavam violência psicológica entre os pais, em comparação aqueles que não estavam expostos a esta, tinham maior chance de se envolverem em *bullying* como vítimas-agressoras, especialmente nos casos de participantes do sexo feminino. Entre os garotos, somente um tipo de violência conjugal esteve associado ao envolvimento de *bullying* como alvo/autor: no grupo de vítimas-agressoras havia uma maior proporção de garotos que presenciavam a mãe ameaçar, bater ou atirar alguma coisa no parceiro do que os meninos que não se envolveram em *bullying* (Pesquisa A, p. 92).

Alunos envolvidos com o *bullying* sejam como agressor, vítima, vítima-agressora ou espectador, alteram seus comportamentos e por consequência suas personalidades.

Segundo a pesquisa F, na prática do *bullying*, os alunos relataram como sentimentos provenientes, a satisfação, o remorso, a raiva e a defesa pessoal. Quando presenciado, os alunos entendem essas atitudes como uma forma do agressor dispor sua raiva, ódio, superioridade, remorso ou satisfação. E relataram entre outros o sentimento de medo, imparcialidade, dó, angústia e indignação. Já o sentimento de quem sofre é disposto através dos sentimentos de raiva, humilhação, vergonha tristeza, medo, indignação, desmotivação e insegurança

No estudo psicossociológico realizado pela pesquisa E, foram relacionados esses sentimentos, antes citados, com a depressão, chegando-se aos seguintes dados: a) As meninas ancoram as representações sobre a depressão em respostas afetivas (agonia, desespero, desamor, sofrimento); b) Já os meninos em aspectos afetivos e comportamentais (baixa auto-estima, raiva, ódio, desmotivação com o que costumava fazer).

Outro dado importante, ressaltado na pesquisa A, quanto ao processo de envolvimento com o *bullying*, salienta que a vítima-agressora tem maior possibilidade de ter problemas emocionais, das que, ou sofrem ou realizam o *bullying*.

Por último, a pesquisa K, analisa o *bullying* no ambiente virtual, caracterizado como *cyberbullying* (ALMEIDA, 2008). Segundo a pesquisa a convivência no ambiente virtual tornou-se mais ampla até mesmo que no real, tornando o ambiente virtual, e em específico, o objeto de análise *facebook*, uma ferramenta de rápida disseminação de informações.

A autora salienta que a violência através deste ambiente, principalmente a linguística e a visual tem se tornado frequente, e que, mesmo indiretamente as pessoas podem estar cometendo o *cyberbullying*, através de páginas que satirizam um “humor negro”, sem medir as consequências que podem trazer a outrém, graças à disseminação veloz de informações que ocorre neste ambiente.

De modo geral as pesquisas salientam sobre a importância do trabalho conjunto escolar, as consequências do *bullying*, os envolvidos, e também, como fatores sociais e familiares podem interferir nessas ocorrências, na tentativa de buscar formas de diminuição desse nocivo fenômeno, que assombra cada vez mais as Escolas.

Para tanto, citam o recreio interativo, a utilização de jogos cooperativos, a criação de regimento interno e projetos políticos pedagógicos voltados ao trabalho da temática *bullying* e *cyberbullying*. Além disso, propõem a intervenção eficaz das gestões escolares, criação de grupos de discussão, abordagem junto à família e a comunidade, participação efetiva de pais junto à vida escolar dos filhos, verificando possíveis mudanças de comportamento e também suas relações no ambiente virtual. Essas atitudes seriam os primeiros passos na busca de paz nas Escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre *bullying* na Escola tem se tornado uma tarefa difícil, graças à grande banalização do tema frente aos alunos. Antes um assunto desconhecido, posteriormente mal trabalhado no âmbito escolar, tornou-se motivo de piada junto às brincadeiras de mau gosto ou atitudes violentas.

Este fenômeno relevante, através dos estudos na área, passou a ser nominado e delimitado, sendo tratado entre a indiferença até a supervalorização nos diversos contextos escolares.

Com intuito de rever essa problemática, e aprofundá-la quanto sua inserção no ambiente virtual, este estudo pautou-se em analisar a produção acadêmica, em especial dos últimos dez anos, com a intenção de abrir novos olhares tanto quanto ao trato, como a ações de diminuição de *bullying* e *cyberbullying*, seja na Escola e ou nas aulas de Educação Física, conforme exemplificado nas pesquisas J e C.

Segundo as análises realizadas nesta dissertação, na Escola, o *bullying* geralmente é praticado sobre crianças ou jovens mais inseguros, e ou, que possuam uma maior dificuldade em se defender. Sendo que, para esses alunos o ir à escola e em particular o recreio, torna-se um drama (PEREIRA, 2002). Nogueira (2007) ressalta que os intervalos são marcados como os locais onde ocorre a maior quantidade de situações de *bullying*.

Souza (2010) também cita o recreio como o local de maior proveniência de ocorrências de *bullying*. Segundo a autora, apesar de ser o momento mais esperado pela maioria dos estudantes, também se torna o de maior violência no ambiente escolar, visto a não participação efetiva de adultos na fiscalização desse espaço. A autora ainda relata em suas pesquisas que o segundo local de maior incidência de casos são as aulas de Educação Física.

Segundo Levandoski (2009), na Educação Física este problema se torna mais evidente, pois esta disciplina escolar se difere das outras, devido à liberdade de movimentos que a aula proporciona, não restringindo o aluno a uma mesa e uma cadeira. Essa liberdade de movimentos, se mal direcionada, pode causar situações de

violência na aula, visto que as brigas nessa disciplina geralmente se iniciam por rixas esportivas (FARIA JUNIOR E FARIA 1999).

Outro ponto a ser salientado, quanto aos casos de *bullying* e *cyberbullying*, relacionados à Educação Física, é a idealização de corpos perfeitos. As pesquisas de (ORIGUELA E SILVA, 2010); (BETTI, 2005); (SILVA, 2011), apontaram para uma relação próxima entre o padrão de beleza estereotipado através de corpos sarados e a criação de apelidos, xingamentos e agressões, com pessoas que não se encaixam nesse padrão social.

Ao analisar essas características cineantropométricas e psicossociais de vítimas e agressores Levandoski (2009), constatou que o perfil das vítimas apresentou uma massa corporal total, massa corporal magra, estatura, envergadura, aptidão física principalmente nos testes que avaliam a força física e nas relações que medem o status no meio social com valores e níveis inferiores em relação aos agressores.

Isso talvez explique a abstenção nas aulas de Educação Física, de pessoas com deficiência, com nível de habilidade menor e fora dos padrões cineantropométricos e sociais ditados pela sociedade, pois possivelmente essas sofreram, por exemplo, com apelidos pejorativos, os quais podem ser intensificados no ambiente virtual.

Rodeguiero (2012), ao analisar esse espaço virtual, tendo como objeto de pesquisa o *facebook*, chama atenção quanto à violência praticada nesses ambientes, e a magnitude que elas podem tomar em um curto espaço de tempo, graças à grande rede que os envolve.

O *cyberbullying* tornou-se um grande problema a ser enfrentado pelas escolas, com o surgimento dessas novas tecnologias de informação e comunicação. Ou as escolas se adéquam ao uso, ou se verão perdidas, frente a uma realidade irreversível.

Quanto às ações de superação do *bullying* e do *cyberbullying*, as pesquisas parecem salientar modelos prontos a serem seguidos, mas pouco testados em campo. Apenas a pesquisa de Góes (2012), sobre a inserção de jogos cooperativos no recreio escolar, fazendo desse um espaço interativo, disponibilizou resultados de uma diminuição de casos por ações efetivas.

Os resultados aqui apresentados contribuem para uma nova visão de Educação Física, onde o aluno possa ser levado a sério, não pelo desenvolvimento aguçado de habilidades, e nem por conquistas esportivas, mas, pelo vencimento de barreiras pessoais, e principalmente pela vontade de participação na disciplina, sendo isso possível por uma nova visão da gestão escolar, professores pais e alunos, tratando por consequência a Educação Física não somente como um momento de descontração, mas como um momento de aprendizagem significativa para todos.

Isso só será possível quando no ambiente escolar os projetos políticos pedagógicos estiverem voltados para uma educação para a paz, que busquem não só identificar ocorrências de *bullying e cyberbullying*, mas principalmente, que ponham em prática ações, na tentativa de diminuição desses nocivos fenômenos.

Já sobre as contribuições deste estudo para o lazer, está dissertação se justifica frente ao surgimento do ambiente virtual como espaço irreversível para o lazer, e seus questionamentos quanto seu uso. Como salientado anteriormente o espaço virtual é uma ferramenta de lazer que pode ser usada tanto para práticas saudáveis como destrutivas, nosso pensamento é que este ambiente é tão quanto importante ao lazer de corpo presente, o que precisa ser salientado é seu uso de forma ética.

Espera-se que as discussões realizadas nessa dissertação, possam contribuir para uma busca mais efetiva de instrumentos que amenizem a violência nos estabelecimentos escolares, e que, pais, professores, gestores e comunidade, possam repensar suas práticas quanto ao enfrentamento do *bullying* e do *cyberbullying*. Fazendo da educação um direito, por consequência sua efetivação converter-se-ia em instrumento de redução dos índices de violência escolar, das desigualdades e das discriminações.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. (coord) **Cotidiano nas escolas: entre violência**. Brasília,: UNESCO, observatório de Violência , Ministério da Educação, 2006.

ALMEIDA, A. O que sabemos da violência na escola e como podemos intervir. In: Fundação Prodignitate (ed.) **Seminário nacional contra a violência**. Lisboa: Contexto, 2008.

ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. A Busca da excitação em Elias e Dunning: uma contribuição para o estudo do lazer, ócio e tempo livre. **Efdeportes**. Buenos Aires, Ano 10 N 80, 2005.

ALVES, C.; SILVA, D. A. M.; SARTO, K.; MARCELLINO, N. C. Lazer, políticas públicas não governamentais e estudos conceituais. **Revista Licere**. Revista da Educação Física (UEM. Impresso), v. 23, p. 239-249, 2012.

AMORA, L. **O seqüestro do ônibus 174, uma releitura sobre o choque do real**. Disponível em: endereço eletrônico, acessado em: 24/10/2013.

AMORIM, C. A. A. **Estudo sobre bullying em dissertações e teses brasileiras no período de 2000 a 2009**. Curitiba, 2012.

AUGE, M. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, Papirus, 1994.

BATISTA, E. H. M. **Bullying e diferenças: a busca por um olhar ampliado. Dissertação de mestrado**, Universidade Estadual de Campinas – SP, 2011.

BETTI, M. **A janela de vidro: Esporte, Televisão e Educação Física**. Campinas: Tese de Doutorado, da **Universidade Estadual de Campinas**, 1997. 278p.

_____. Esporte, entretenimento e mídias: implicações para política de esporte e lazer. **Impulso**, Piracicaba-SP, p.83-89, 2005.

BINSFELD, A. R., LISBOA, C. S. M. Bullying: Um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar do Sul do Brasil. **Interpersona**, São Leopoldo, p.74-105, 2010.

BRUYNE, P. (ORG); HERMAN; SCHOUTHEETE. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1991.

CARPANEZ, J. **Cyberbullying preocupa 16% dos internautas jovens no Brasil**.

UOL,São Paulo, 10/12/2010. Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/seguranca/ultimas-noticias/2010/02/10/cyberbullying-preocupa-16-dos-jovens-brasileiros-diz-pesquisa.jhtm> acessado em: 20/07/2013.

CALGARO, F. **Sete em cada dez jovens no mundo sofrem cyberbullying, aponta estudo**. Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/10/02/sete-em-cada-dez-jovens-no-mundo-sofrem-ciberbullying-aponta-estudo.htm#comentarios>. UOL, São Paulo, 02/10/2013. Acessado em 03/10/2013, 2013, p.1.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. V.1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Porto Alegre, **Sociologias**, 2002.

DAOLIO, J; ROBLE, O. J. Do corpo identitário ao corpo virtual: algumas implicações para a Educação Física. Campinas: **Pró-posições**, v.17, n.1, 2006.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectivas, 1976.

_____. **Questionamento teórico do lazer**. Porto alegre, Celar, 1975.

ELIAS, N. & DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ESCARAVACO, A. **Bullying: noções e ações dos gestores de escolas públicas estaduais da 17 Gered Itajaí, SC**. **Dissertação de mestrado** em Educação, publicada no ano de 2011, defendida na Universidade do Vale do Itajaí - SC.

FANTE, C. Bullying no ambiente escolar. Brasília: **Revista Jurídica Consulex**, ano XIV, 2010. disponível em <http://inov.org.br/site/artigos/9.pdf> acessado em 05/08/2013.

_____. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus editora. 2005.

_____. **Os danos do cyberbullying**. Porto Alegre: Pátio, 2008.

FARIA JUNIOR A. G.; FARIA E. J. C. **Didática de educação física**. In: FARIA JUNIOR A. G. et al., org. **Uma introdução à educação física**. Niterói: Corpus, 1999; 341-83.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. Um Estudo sobre Bullying entre Escolares do Ensino Fundamental. Presidente Prudente, **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2009. DISPONÍVEL EM <http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n2/a05v22n2.pdf> acessado em 01/08/2013.

FRIEDMANN, G. **O trabalho em migalhas: especialização e lazeres**. São Paulo, Perspectiva, 1972.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GÓES, V. M. S. S. **Reflexão sobre agressividade, violência e bullying na escola: perspectivas de contribuição das práticas corporais cooperativas**. **Dissertação de mestrado** em Educação, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

GOMES, C. L. Lazer Urbano, Contemporaneidade e educação das sensibilidades. Rio de Janeiro – (UNIRIO) **Revista Itinerarium**, v.1, 2008.

GOMES, C. L.; MELO, V. A. **Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa**. Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 23-44, janeiro/abril de 2003.

GOMES, L. F. Suicídio é uma das graves consequências do bullying. **Consultor Jurídico**, São Paulo, 08/09/2011. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2011-set-08/coluna-lfg-suicidio-graves-consequencias-bullying> acessado em 19/09/2013.

GREENE, M. B. Bullying in school: A Plea For Measure of Human Rights. **Journal Of Social Issues**. V. 62. , n 1, p. 63-79, 2006. Disponível em: http://www.safetylit.org/citations/index.php?fuseaction=citations.viewdetails&citationIds%5B%5D=citjournalarticle_42918_20 acessado em 23/07/2013.

GUIMARÃES, S. P.; CAMPOS, P. H. F. C. **Norma Social Violenta: Um Estudo da Representação Social da Violência em Adolescentes**. 2007. **Universidade federal de Goiania**, GO. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n2/a03v20n2.pdf> Acessado em: 25/07/2013.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Oxford, Cowley Road, 1989. In São Paulo: Loyola, 1993.

IBGE Pesquisa Nacional de Saúde Nacional (Pense). IBGE, Rio de Janeiro, 2012.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. Lisboa, Estampa, 1970.

LEVANDOSKI, G. **Análises de fatores associados ao comportamento bullying no ambiente escolar: características cineantropométricas e psicossociais**. **Dissertação de mestrado em Ciências do Movimento Humano**, Universidade do Estado de Santa Catarina – SC, 2009.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** Rio de Janeiro, Editora 34, 1996.

LLOVATTE, N. **Cyberbullying é mais frequente que bullying diz estudo pioneiro**. **IG**, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://jovem.ig.com.br/oscuecas/noticia/2010/04/14/cyberbullying+e+mais+frequente+que+bullying+diz+estudo+pioneiro+9457728.html>. Acessado em 26/07/2013.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1987.

_____. **Lazer e sociedade**. Campinas: Alínea, 2008.

MARQUES, A. C. P. R.; CRUZ, M. S. O adolescente e o uso de drogas. **Rev. Bras. Psiquiatr.** vol.22 s.2 São Paulo, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600009 acessado em: 23/07/2013.

MARTINEZ, L. R. M. **Da violência velada à violência física: o habitus de alunos do ensino fundamental e a relação com a atividade física**. **Tese de doutorado**, UNESP.2009.

MICHAUD, Y. **A Violência**. São Paulo. Ática, 1989.

MORAIS, R. **O que é violência urbana**. São Paulo. Brasiliense, 1985.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade nacional Versus Identidade Negra**. Petrópolis: Ed.Vozes, 1999.

- OLWEUS, D. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares**. Ediciones Morata S. L: Madrid, 1998.
- OLIVEIRA, F. F.; VOTRE, S. J. *Bullying* nas aulas de educação física. **Movimento** 2006, p.173-97.
- OLIVEIRA, H. A. C. Violência entre colegas (bullying) em contexto escolar. **Dissertação de mestrado**, Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa , 2012.
- ORIGUELA, M. A; SILVA, C. L. Comunidades Virtuais do *Orkut*: debate acerca da educação física escolar. **Impulso**, Piracicaba-SP, 2010.
- PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência**: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Fundação Calouste Gulbenkian. Porto, 2002.
- PERROTTI, E. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN, R. **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre, Novas perspectivas, 1982.
- PESCE, R. Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura. Rio de Janeiro, **Ciência e saúde coletiva**, 2009.
- PINHEIRO, F.M.F. **Violência intrafamiliar e envolvimento em bullying no ensino fundamental**. **Dissertação de mestrado** em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR/SP, 2006.
- PIRES, M. J. **Bullying** escolar: a corporeidade como fator de in/exclusão sócio-educacional. **Dissertação de mestrado**. Universidade regional do noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2010.
- PRINA, F. **A violência na escola**: da pesquisa ao projeto – a experiência da rede europeia, Brasília: Nova res. In **seminário internacional de violência nas escolas**, v.1, p.145-183, 2003.
- RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RHEINGOLD, H. **La Comunidad Virtual**: Uma Sociedad sin Fronteras. Barcelona: Gedisa Editorial, 1995.
- ROCHA, T. B. **Bullying, Cyberbullying e a Violência nas Escolas**. Disponível em: <http://telmabr.blogspot.com.br/> acessado em: 28/07/2013.
- RODHEGUIERO, C. C. **Violência na internet**: um estudo do *cyberbullying* no *facebook*. **Dissertação de mestrado**, Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2012.
- ROLIM, M. **Bullying**: o pesadelo da escola um estudo de caso e notas sobre o que fazer. **Dissertação de mestrado**. UFRgs. Porto Alegre. 2008.
- SANTOMAURO, B. Cyberbullying: A Violência Virtual. Rio de Janeiro: **Revista Nova Escola**, v.233, p. 1 à 8, 2010.
- SCHWARTZ, G. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier, **Licere**, v.6, n.2, p.23-31, Belo Horizonte, 2003.
- SCHWARTZ, G. M., MOREIRA, J. C. C. **O ambiente virtual e o lazer**. In: MARCELLINO, N. C. (org). **Lazer e cultura**. Campinas, SP: Alínea, 2007.

- SEIXAS, S. R. P. M. M. **Comportamentos de bullying entre pares: bem estar e ajustamento escolar. Tese de doutorado.** Universidade de Coimbra. Coimbra, 2006.
- SILVA, A. B. B. **Bullying: Mentis perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- SILVA, C. E. **Violência entre pares: um estudo de caso numa escola pública de ensino fundamental no município de Esteio/RS. Dissertação de mestrado** em Educação e Ciências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.
- SILVA, C. L.; FRAGA, E. A. Comunidades virtuais de internet: atualização do debate sobre lazer. Belo Horizonte: **Licere**, vol 13, n.4, 2010.
- SILVA, C. M. L. **Bullying e depressão no contexto escolar: um estudo psicossociológico. Dissertação de mestrado** em Psicologia, Universidade Federal da Paraíba UFPB/PA, 2010.
- SILVA, T. T. **O que produz e o que reproduz em educação: ensaios de sociologia da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- SIMÕES, I. A. G. A sociedade em Rede e a Cibercultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Levy na era das novas tecnologias de comunicação. **Temática**, vol 05, n.05, 2009.
- SNYDERS, G. **A alegria na escola.** São Paulo, Manole, 1988.
- SOUZA, S. C; RUBINHO, S. **A violência escolar: um olhar sobre as concepções e atitudes dos docentes e gestores acerca do bullying. VII jornada de iniciação científica,** Univesidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Pesquisa/pibic/publicacoes/2011/pdf/ped/stephanie_altobelli.pdf acessado em: 26/07/2013.
- STOPPA, E. A. ; CORREA, E. A. ; MORENO, J. C. A. ; SILVA, L. F.; UVINHA, R. R. ; MARCELLINO, N. C. . A produção do conhecimento na área do lazer: uma análise sobre a revista Licere- formação profissional. São Paulo, **Corpo consciência**, v. 16, p. 13-24-24, 2012.
- STRASBURGER, Vitor. **Os adolescentes e a mídia - impacto psicológico.** Porto Alegre: Artmedica, 1999.
- TEREZANI, D. R.; BAHIA, M.C.; ROSA, M. C.; BARBOSA, F. S.; MARCELLINO, N. C., Lazer e meio ambiente na Revista Licere. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília-DF, v. 21, p. 16-26, 2013.
- TOLOCKA, R. E. **Educação física e diversidade humana.** In: De MARCO (org) Educação física: **Cultura e sociedade.** Campinas, Papirus, 2006.
- TUCCI, R. L. **Violência nas aulas de educação física – estudo comparado entre duas escolas da rede pública do Distrito Federal. Dissertação de Mestrado,** Universidade Católica de Brasília, 2004. 74p.
- TRUZZI, G. Cyberbullying, Cyberstalking e Redes Sociais: Os reflexos da perseguição digital. São Paulo, **Revista de Criminologia e Ciências Penitenciárias**, vol 2 n. 3, 2012.

VEBLEN, T. **A teoria da classe ociosa**. São Paulo: Pioneira, 1965.

VENAS, R. F. **Gestão escolar e violência: um estudo de caso sobre as ações gestoras em situação de violência**. **Dissertação de mestrado** defendida na Universidade Federal da Bahia , Salvador- BA, 2008.

LAKATOS, E.M., MARCONI, 2001)	<p>Outros: _____</p> <p>Quanto ao método como modo de investigação</p> <p>Está explícito? Não () Sim ()</p> <p>Em caso de não explícito é possível a leitura do artigo indicar a categoria ? () Sim () Não</p> <p>Estudo de caso (); Estudos comparativos (); Experimentação (), Quase-experimentação ()</p> <p>Outros: _____</p> <p>—</p>
(BRUYNE, HERMAN, SCHOUTHEETE, 1991)	<p>Quanto às técnicas:</p> <p>Estão explícitas? Não () Sim ()</p> <p>Em caso de não explícito é possível a leitura do artigo indicar categoria ?</p> <p>() Sim () Não</p> <p>De obtenção de dados : observação (); Observação participante (); Entrevistas (); Formulários (); Questionários ()</p> <p>Outros: _____</p> <p>—</p>
(BRUYNE, HERMAN, SCHOUTHEETE, 1991)	<p>Quanto às técnicas de amostragem -</p> <p>Estão explícitas? Não () Sim ()</p> <p>Em caso de não explícito é possível a leitura do artigo indicar a categoria ? () Sim () Não</p> <p>Não probabilística (); Probabilística ()</p>
Universidade	() Pública () Privada () Confessional/Comunitária
Estado da Federação	Indicar: _____

Resumo do trabalho	Em caso de ausência colocar sem indicação de resumo
Problema de pesquisa a ser respondido pela produção acadêmica dos últimos 10 anos	O que consta na produção acadêmica dos últimos 10 anos sobre o <i>bullying</i> e o <i>cyberbullying</i> , e suas relações com a escola e com as aulas de Educação Física, e quais ações podem ser desenvolvidas para a diminuição desses fenômenos?